OBRAS

POETICAS

D'

Antonio Pereira de Souza Caldas.

O MUNDO
DO LIVRO
11 - L. da Trindade - 13
Telef. 36 99 51
Lisboa

Sueiro

Fr. de Castro Osorio

m-840.

OBRAS
POETICAS

DE

Antonio Pereira de
Sousa Caldas,

COM AS NOTAS E ADDITAMENTOS

DE

F. de B. G. Stockler.

Coimbra:

Imprensa de Trovão & Comp.ª
1836.

POESIAS
PROFANAS.

CANTATA.
PIGMALIÃO.

JA da lucida Aurora scintilava
O tremulo fulgor, e a Noite fria
Nas mais remotas praias do Occidente,
Entre abismos gelados, se escondia.
Amor impaciente
Dos Filhos de Morpheo se acompanhava,
E de Pigmalião a altiva mente,
Com lisonjeiros sonhos, afagava.
Ora de Galathea,
A estatua airosa e bella,
Obra do seo cinzel, obra divina,
Se lhe avivava na amorosa idea:
Ora cuidava vê-la
Pouco a pouco animar-se,
E a marmorea dureza transformar-se
Em suave, vital brandura, dina
D'aquella que em Cythera,

Sobre os Amores e o prazer domina.
Sobresaltado freme;
E entre illusões espera
Galathea apertar nos ternos braços:
Mas subito desperta;
Procura-a, não a vê; suspira, e geme.
Então, com rosto triste e carregado,
O corpo ergue cansado,
E mal firmando os passos,
Girando a vista incerta
Pela vasta officina, o busto encara
Da magestosa Juno,
Que junto colocára
Ao do implacavel, fero Deus Neptuno:
Lança mão do cinzel; ergue o martelo;
Repoli-los intenta,
E o extremo ideal tocar do bello.
Mas o cinzel da mão se lhe extravia;
Froxo o martelo assenta,
E na vivaz ardente fantazia
Só Galathea com prazer revia.
Acceso, arrebatado
De insolito furor quebra, esmigalha
O marmore inculpado
Dos bustos, que polia:

Arremeça por terra, e á tôa espalha
O martelo, e o cinzel, com que trabalha.
Volve os olhos, repara
De Galathea amada
Na formosura rára,
E ferido de Amor, curva tremendo
Os joelhos, e já não lhe cabendo
Dentro d'alma encantada
O transporte que o agita, ardido brada:
« O' tu, que os Deuses do Olimpo
» Feres de inveja, e de espanto,
» Porque nunca poude tanto
» Todo o seo alto poder;
» He possivel que reunas
» Tanta graça, tal belleza,
» E te negue a Natureza
» Respirar, sentir, viver?
» Eis do genio o prodigio soberano:
« Nem poderá jamais o sp'rito humano,
» Depois de rematar esta obra prima,
» Conter força sobeja,
» Que poderosa seja,
» Para novos inventos, sem que o opprima,
» Tam grande esforço d'arte,
» E esmorecido desfaleça, e caia.

» Amor, ó Deus, sem quem tudo desmaia;
» Amor que me guiaste
» O sublime cinzel nesta ardua empreza,
» Ah! desce, vêm; reparte
» Da minha vida parte
» Com aquella, que tu avantajaste
» A' Deusa da belleza:
» Supre assim o languor da natureza:
» Influe doce alento
» Na minha Galathea tam formosa:
» Influe-lhe razão, e sentimento.
» O' Amor! ó Deidade grandiosa!
» Anima-a do calor, em que abrazado
» Meo coração a teo poder se rende:
» Rouba a Jove esse facho sublimado
» Do qual a vida pende:
» Sacode, vibra a chamma,
» Que os mortaes aviventa, anima, inflamma.
» O' Amor! ó Deus grande! per quem vive
» Quanto nos vastos mares
» Se volve, e quanto talha os leves ares;
» Per quem tudo revive,
» E cuja mão potente desencerra
» A vital força que fecunda a terra!
» Escuta a voz que o teo soccorro implora,

» E a minha Galathea
» Possa eu ver sem demora
» Sentir o fogo, que em meo peito ondea.
» Deuses, se isto impedis, de novo digo
» Que inveja negra e fea
» Em vossos corações achou abrigo.
» Mas que vejo! ó justos ceos!
» Treme o marmore, respira,
» E parece se retira
» Ao toque de minha mão!
» Rubro sangue as veas gira,
» Já seo braço me rodea,
» E da linda Galathea
» Já palpita o coração!
» Nos olhos lhe circula, eu não me engano,
» O teo fogo, ó Amor! hoje cessaste
» De ser um Deus tyrano:
» Hoje sobre os mais Deuses te elevaste.
» Que te direi, Amor?... Olha.... repara,
» Nas faces delicadas
» As graças animadas
» Ateando desejos, e compara
» Tuas acções com esta que fizeste:
» Ve bem como a ti mesmo te excedeste:
» Prazeres fervorosos,

» Suspiros encendidos,
» Transportes anciosos,
» Mil ais interrompidos,
» Afagos e deleites, como em bando,
» Pela voluptuosa
» Cintura, mais que airosa,
» Qual a hera se enrolam, misturando
» As engraçadas frentes;
» E de mimos ardentes,
» De delicias minha alma repassando.
» O' Galathea! ó minha doce vida!
» Tu me faltavas só para endeusar-me,
» E de immortaes prazeres inundar-me.
» Agora brame irada
» A natureza contra mim erguida!
» Não a receio, e nada
» Já me pode assustar, porque te vejo
» Responder a meo fervido desejo;
» Dar vida a novos seres,
» Crear o sentimento
» De mil novos prazeres:
» Eis, ó Deuses! sem duvida a ambrosia,
» O divinal sustento,
» A suave celeste melodia,
» Que embebe de alegria,

» E torna glorioso o Firmamento ! »
Com este pensamento
» Transportado contempla a Galathea
(Que, ou mova a medo os passos,
Ou revolva o semblante,
Ou já recurve os braços
Em torno ao seo amante,
A cada movimento,
A cada novo instante,
Sente uma nova idea,
Sente um novo prazer, que a senhorea).
Então outro prodigio Amor obrando,
A lingoagem dos sons vai lhe inspirando,
E de repente usando
D'este dote sublime
A feliz Galathea assim se exprime :
» Este marmore que toco,
» Esta flor tam graciosa,
» Nem esta arvore frondosa,
» Nada d'isto, nada he eu :
» Mas, ó tu ! que ante mim vejo,
» Que todo o meo peito abalas,
» Que tam doce de amor falas.
» Ah ! tu sim, tambem es eu.
» Vem a mim querido objecto,

» Aperta-me nos teos braços ;
» Convence-me em ternos laços ,
» Que eu e tu somos so eu. »

NOTA.

O verso do segundo recitativo :

Se volve, e quanto talha os leves ares,

estava no original assim :

Se volve, quanto habita os densos ares.

Alem d'esta, as principaes alterações, que fiz nesta bellissima composição, foram no ultimo recitativo, e na ultima aria. No recitativo os versos que alterei, e vam marcados com o signal (), estavam assim no original :

Que ou volva a medo os passos,
Ou gire o seo semblante,
Ou aredonde os braços
Em torno ao seo amante,
Em cada movimento,
Em cada novo instante, etc.

A ultima aria estava da maneira seguinte :

Este marmore que toco,
Essa flor tam graciosa,
Nem essa arvore frondosa,
Nada d'isso, nada he eu.
Mas ó tu quem quer que és,
Que todo o meo peito abalas,

Que tam doce de amor falas,
Ah! tu sim, tu inda es eu.
Vem a mim querido objecto,
Vem cercar-me com teos braços,
E assim preza em doces laços
Convencer-me que inda es eu.

As razões que me moveram a fazer as alterações que fiz, parecem-me assaz palpaveis; e por isso me poupo ao trabalho de expô-las aqui. Com tudo como em poesia considerações de gosto devem muitas vezes prevalecer sobre considerações philosophicas ou gramaticaes, por isso assentei de conservar nesta nota a lição propriamente do autor.

ODE.

AO HOMEM SELVAGEM.

Strophe 1.ª

O HOMEM, que fizeste? tudo bráda;
Tua antiga grandeza
De todo se eclipsou; a paz dourada,
A liberdade com ferros se vê preza,
E a palida tristeza
Em teo rosto esparzida desfigura
Do Deus, que te creou, a imagem pura.

Antistrophe 1.ª

Na Cithara, que empunho, as mãos grosseiras
Não poz Cantor profano;
Emprestou-m'a a Verdade, que as primeiras
Canções n'ella entoára; e o vil Engano,
O erro deshumano,
Sua face escondeo espavorido,
Cuidando ser do mundo em fim banido.

Epode 1.º

Dos Ceos desce brilhando
A altiva Independencia, a cujo lado
Ergue a razão o sceptro sublimado,
Eu a oiço dictando
Versos jamais ouvidos: Reis da Terra,
Tremei á vista do que ali se encerra.

Strophe 2.ª

Que montão de cadeas vejo alçadas
Com o nome brilhante
De leis, ao bem dos homens consagradas!
A Natureza simples e constante,
Com penna de diamante,
Em breves regras escreveu no peito
Dos humanos as leis, que lhes tem feito.

Antistrophe 2.ª

O teo firme alicerce eu não pretendo,
Sociedade santa,
Indiscreto abalar: sobre o tremendo
Altar do calvo Tempo, se levanta
Uma voz que me espanta,
E aponta o denso véo da antiguidade,
Que á luz esconde a tua longa idade.

Epodo 2.º

Da dor o austero braço
Sinto no afflicto peito carregar-me,
E as tremulas entranhas apertar-me.
O' ceos ! que immenso espaço
Nos separa d'aquelles doces annos
Da vida primitiva dos humanos !

Strophe 3.ª

Salve dia feliz, que o loiro Apollo
Risonho alumiava,
Quando da Natureza sobre o collo
Sem temor a Innocencia repousava,
E os hombros não curvava
Do despota ao aceno enfurecido,
Que inda a Terra não tinha conhecido.

Antistrophe 3.ª

Dos férvidos Ethontes debruçado
Nos ares se sostinha,
E contra o Tempo de furor armado,
Este dia alongar por gloria tinha;
Quando nuvem mesquinha
De desordens seos raios eclipsando,
A Noite foi do Averno a fronte alçando.

Epode 3.ª

Sahiu do centro escuro
Da Terra a desgrenhada Enfermidade,
E os braços com que, unida á Crueldade,
Se aperta em laço duro,
Estendendo, as campinas vai talando,
E os miseros humanos lacerando.

Strophe 4.ª

Que augusta imagem de esplendor subido
Ante mim se figura!
Nu; mas de graça e de valor vestido
O homem natural não teme a dura
Fea mão da Ventura:
No rosto a Liberdade traz pintada
De seos serios prazeres rodeada.

Antistrophe 4.ª

Desponta, cego Amor, as settas tuas:
O palido Ciume,
Filho da Ira, com as vozes suas
N'um peito livre não accende o lume.
Em vão bramindo espume,
Que elle indo apoz a doce Natureza
Da fantazia os erros nada preza.

Epode 4.º

Severo volteando
As azas denegridas, não lhe pinta
O nublado futuro em negra tinta
De males mil o bando,
Que, de Espectros cingindo a vil figura,
Do sabio tornam a morada dura.

Strophe 5.ª

Eu vejo o molle somno susurrando
Dos olhos pendurar-se
Do frôxo Caraiba que, encostando
Os membros sobre a relva, sem turbar-se,
O Sol vê levantar-se,
E nas ondas, de Thetis entre os braços,
Entregar-se de Amor aos doces laços.

Antistrophe 5.ª

O' Razão, onde habitas?.... na morada
Do crime furiosa,
Polida, mas cruel, paramentada,
Com as roupas do Vicio; ou na ditosa
Cabana virtuosa
Do selvagem grosseiro?.... Dize... aonde?
Eu te chamo, ó philosopho! responde.

Epode 5.º

Qual o astro do dia,
Que nas altas montanhas se demora,
Depois que a luz brilhante e creadora,
Nos vales já sombria,
Apenas aparece; assim me prende
O Homem natural, e o Estro accende.

Strophe 6.ª

De tresdobrado bronze tinha o peito
Aquelle impio tyrano,
Que primeiro, enrugando o torvo aspeito,
Do *meo* e *teo* o grito deshumano
Fez soar em seo damno:
Tremeo a socegada Natureza,
Ao ver d'este mortal a louca empreza.

Antistrophe 6.ª

Negros vapores pelo ar se viram
Longo tempo cruzando,
Té que bramando mil trovões se ouviram
As nuvens entre raios decepando,
Do seio seo lançando
Os crueis Erros, e a torrente impia
Dos Vicios, que combatem, noite e dia.

Epode 6.°

Cobriram-se as Virtudes
Com as vestes da Noite; e o lindo canto
Das Musas se trocou em triste pranto.
E desde então só rudes
Engenhos cantam o feliz malvado,
Que nos roubou o primitivo estado.

NOTA.

Esta Ode aonde brilha um estro superior ao que se distingue nas mais bellas composições d'este genero escriptas na lingoa portugueza, e talvez mesmo que em todas as lingoas vivas, foi composta no anno de 1784, tendo o autor apenas 21 annos de idade por occasião de uma disputa que, em conversação; amigavel, casualmente se levantou entre mim e elle, acerca das vantagens da vida social. A leitura do celebre discurso de João-Jacques Rousseau, sobre a origem da desigualdade entre os homens, foi a occasião que motivou a nossa pequena controversia. Para termina-la convidei eu o meo amigo a seguir friamente os meos raciocinios na analyse d'aquelle eloquente discurso, procurando fazer lhe sentir a falta de logica que em quasi todo elle se observa, quando reflectidamente se examina. Não era por

certo facil trazer a este ponto um mancebo de imaginação ardente, em especial tratando-se de analysar com frieza uma composição que, devendo ser toda razão, he toda fogo, como quasi todos os escriptos que sairam da penna d'aquelle homem extraordinario. Como quer que fosse, sempre convieme-s por fim em que o pensamento de Rousseau seria bello para se desenvolver em uma composição poetica; e para que a nossa lembrança não ficasse inutil ajustamos que o autor, cuja brilhante fantasia promettia eleva-lo ao primeiro logar entre os poetas lyricos portugueses, composesse uma Ode Pindarica, na qual exposesse com toda a pompa, e magnificencia poetica, o paradoxo de João-Jacques Rousseau, em tanto que eu indicaria, em uma Ode Horaciana, a verdadeira origem, e as mais immediatas vantagens do estado social. Ajuntarei aqui a minha composição, bem que muito inferior á do meo amigo, para que o publico veja o resultado de uma conversação entre dois mancebos que ainda então estavam pouco mais do que no meio da carreira de seos estudos elementares. Apresento ao publico este parto da minha mocidade de tanto melhor grado, quanto elle apar da obra do meo admiravel amigo, servirá para faze-la mais realçar, bem como as sombras na pintura servem para fazer sobresair as figuras traçadas pela mão do pintor. Eis aqui pois o que eu escrevi n'aquelle momento.

ODE

SOBRE O AMOR,

Considerado como principio e esteio da ordem social.

Não foram, caro SOUZA, as Lyras de oiro
De Orpheo, e de Amphion, que os Leões bravos,
E os indomitos Tigres amansando,
As cidades fundaram.

Embora finjam mentirosos vates,
Que as torcidas raizes desprendendo
As arvores annosas, que os penedos,
Apoz elles correram.

Tu, só tu, puro Amor, despir podeste
Da estupida bruteza a humana especie;
So tu soubeste unir em firmes laços
Os dispersos humanos.

Sem ti insociaveis viviriam,
Nas escarpadas serras, embrenhados;
Ou nos sombrios verde-negros bosques,
Em pasmada tristeza.

v. Poesias Líricas — Livro I — p. 1.

As fugitivas horas passariam,
Em languido lethargo submergidos,
Té que o pungente estimulo da fome
Lhes espantasse o somno.

Os singelos prazeres da amisade,
Prazeres suavissimos, so dados
Aos peitos generosos, e sensiveis,
Provar não poderiam.

As sciencias, as artes sepultadas,
No seio da Ignorancia inda jazéram;
Que inerte, e frouxo a nada se atrevéra
Um peito enregelado.

As bellas Marcias, as gentis Lycores,
Em vão dos vivos olhos fusiláram
Accesos raios, com que audaz fulminão
Rebeldes esquivanças.

Suas vermelhas engraçadas bocas,
Em vão, meigos sorrisos soltariam,
Tingindo as juvenis mimosas faces
De pudibundas rosas.

Anhelantes suspiros, brandas queixas,
Ternos agrados, carinhosos gestos,
Nada mover os peitos poderia
Dos animados troncos.

Dos Risos, e das Graças rodeada,
Venus com farta mão não derramára
Em seos rusticos leitos brandas flores,
Flores que tu só colhes.

O gosto de abraçar a cara Esposa,
De se ver renascer nos doces filhos,
De educar cidadãos, nutrir virtudes,
Coitados! não sentiram.

Vira-se em breve, co'o volver dos annos,
Hermo de novo, o povoado mundo,
Té que do seio da fecunda terra
Outros homens brotassem.

Ah! crê-me, SOUSA, Amor, Amor, somente
A vasta Natureza vivifica:
Amor nossos prazeres todos géra,
Nossos males adoça.

O soldado animoso, que se arroja
Com brio denodado a expor a vida,
Em defensa da Patria ameaçada
De inimigas phalanges;

Depois de haver sofrido longas marchas
Per aridos sertões, per frias serras,
Arrastrando cansado os cavos bronzes
Nas pesadas carretas;

Depois de ouvir nas horridas batalhas,
Troando a furiosa artilheria,
Pelos ares silvar os ferreos globos
Que a morte envolta levam;

Depois de ver os rápidos ginetes
Atropelando os fulminados corpos
Dos cahidos guerreiros, que em vão pedem
Vingança, ou Piedade,

Entre os braços da timida donzela,
Que Amor lhe promettera, prompto esquece
As passadas fadigas, os horrores
Da guerra sanguinosa.

O misero cultor, que industrioso
Do fertil seio da benigna terra
Faz abrolhar os preciosos frutos,
Que a vida nos sustentam,

Ou já sofra no frigido Janeiro,
Em quanto o arado rege, os finos sopros,
Com que lhe tolhe os calejados dedos
O gelado *Nordeste*;

Ou já suporte no calmoso Estio
Do abrazado *Suão* o ardente bafo,
Cuidoso, o loiro trigo debulhando
Nas pulvereas eiras;

Apenas desenvolve o denso manto
Sobre a face da Terra a noite amiga,
Se o repouso procura aos lassos membros
Na rustica morada,

Vendo a fiel consorte, que saudosa
Ao encontro lhe sahe, e o caro filho,
Que largando da Mae o doce peito,
Lhe estende os tenros braços,

Em ternura suavissima desfeito,
Que o casto amor no coração lhe entorna,
Contente já de sua humilde sorte
Bemdiz a Providencia.

Assim, ó SOUSA, na fiel balança,
Onde a Razão os bens, e os males pesa,
Se vê que, sem Amor, a vida humana
Seria insuportavel.

ODES ANACREONTICAS.

ODE I.

Omnia vincit Amor.

Juntos os Deuses no suberbo Olimpo
Viram brincando o fero Deus Menino,
Que, com travessa mão, dextro desferc
Mil vencedoras settas.

Os chocalheiros Risos o rodeam,
Os meigos Gestos, os Suspiros ternos,
Os mimosos Afagos fervorosos
Em torno lhe revoam.

Riram-se os Deuses, e Cupido irado
Em batalhões reparte o lindo bando,
Que promptos e ordenados já encurvam
Os seos temiveis arcos.

Um aceno de Amor abate os Deuses:
Correm vencidos em tropel confuso
Apoz as lindas Graças, que fugindo
Seguram a victoria.

O vencedor ufano, então vaidoso,
Com risonho desdem zombando, empunha
De Neptuno, e Plutão, de Marte, e Jove
Os sceptros radiantes.

Maligno e vingativo, largo espaço,
Na mão sustenta do Universo as redeas:
Amor os montes, os palacios, tudo
Amor então respira.

ODE II.

Oh! quanto es bella
Vermelha rosa,
Tu me retrátas
Nize formosa.

Lindo botão
Vejo a teo lado,
Qual junto a Venus
O Filho alado.

Elle de Nize
Me pinta a cor,
E o seo amavel
Terno pudor.

Verdes espinhos,
Para defeza,
Te pôz em torno
A Natureza.

Tal a Razão,
Sempre adoravel,
De Nize cerca
O peito afavel:

N'elle se enlaça,
Bem como a hera,
E seos desejos
Rege severa.

Quando no meigo
Seio de Flora
O orvalho atrahes
Da roxa Aurora,

Sobre as mais flores
Beleza ostentas:
D'ellas o sceptro
Ter representas.

Ah! quantas vezes
Da especie humana
Julgei ser Nize
A Soberana.

Tam gentil rosto
Ja mais a terra
Viu; n'elle a força
D'Amor se encerra.

O' Flor mimosa,
Quero colher-te,
E no meo peito
Sempre trazer-te.

Mas ah! depressa
Tu murcharás,
E imagens tristes
Me lembrarás.

Já de horror sinto
Torvar-se o s'prito,
E o coração
Bater-me afflicto.

A minha Nize
Tambem da Morte
Ha de sentir
O duro corte!

Fazei-a, ó Ceos,
Ou menos bella,
Ou nunca a Morte
Possa vencêlla!

ODE III.

Não temas Nize.
Entra sem susto,
No Templo augusto
Do Deus de Amor.

Entra : verás
Ligeiro bando
De mil Amores,
Ledos voando.

Nao te intimides
De vê-lo armado
D'arco, e d'aljava
Pendente ao lado.

Amor não tem
Alma tam dura,
Que não respeite
A formosura.

Quando tivesse
Peito de féra,
Teo lindo rosto
Brando o fizéra.

Venus deseja
Filha chamar-te,
Paphos e Gnido
Quer adorar-te.

O vil ciume
Negro furor,
Para assaltar-te,
Não têm valor.

Antes rendidos
Te adorarão;
Sua Rainha
Te chamaraõ.

Ternas finezas,
Doces abraços,
De Nize bella
Serão os laços.

CARTA
AOS MEOS AMIGOS,

Consultando-os sobre o emprego proprio de meos talentos.

QUAES os raios de Phebo luminosos,
Quando assoma no Oriente o seo semblante,
Se arrojam sobre a Terra fervorosos,

E crescendo em vigor, d'instante a instante,
Despenham-se por toda a redondeza,
Banindo as Trevas que se põem diante;

Assim, fervendo com igual presteza,
Mil ideas á vaga fantasia
Se apresentam vestidas de belleza.

Ora Apollo me ordena, que a Alegria
Pinte movendo os torneados braços,
Entre os risos, e a doce melodia.

Ora de Amor os delicados laços
Aperto, pelas Musas ajudado;
Ora os afrouxo, e rompo em mil pedaços.

Se estendo os olhos pelo triste fado
Que os humanos persegue, a luz brilhante
Da moral accender-se vejo ao lado.

O' virtude sublime! o teo amante
Nome repito, e logo as Musas descem
A accompanhar-me em lyra de diamante.

Principio a cantar-te, e se me offerecem
Cruentos erros, que em tropel se apinham,
E a luz que tinha quasi me escurecem.

Impavido os arrosto, e ja não tinham
Alçada a frente altiva; quiz piza-los;
E não sei que temores me detinham.

As paixões em furor, para ajuda-los
Vejo revoltas; mas vencendo o medo,
Com mais força, jurei de maltrata-los.

Desde então Melpomene, que um rochedo
No Pindo habita, e que meo peito accende,
Ao ouvido me diz isto, em segredo:

Calça o cothurno; que temor te prende?
Com pincel atrevido, o triste damno
Das paixões pinta; e com meo fogo as rende.

Mas Thalia travêssa, que o tyrano
Vicio escarneça, disse; e logo o riso
Vi raiar em seo rosto, doce e humano.

Com magestoso andar, chea de siso,
Calliope formosa me ordenava
Que, altivo, imite o Mantuano Anfriso.

Mostra-me ao longe a luminosa aljava,
Que dos claros Varões esconde o nome,
A Deusa que os Sallustios inspirava.

Vós, a quem a mania não consome,
Caros amigos, de deixar á idade
Vindoira escriptos vãos, que o tempo come:

Vós que o peito cerrastes á vaidade;
E se escreveres, serão só escriptos
Dictados pelo bem da humanidade:

Soccorrei-me em tam asperos conflictos;
Pois onde mora a candida virtude,
Tambem habitam os sublimes ditos.

Esse outeiro sombrio, ingreme, e rude,
Onde as sciencias o seu throno ergueram,
Subir, ao vosso lado, nunca pude:

Medi as minhas forças; pois cederam
Em vós do sp'rito seo tamanha parte
As soberanas Musas, que vos deram
Sublime engenho, fino gosto, e arte.

ELEGIA

A' AMISADE,

Dirigida ao Doutor Francisco José de Almeida, n'ella designado pelo nome de Fileno.

QUANTO he doce existir! Quanta doçura
Em ti encerras, preciosa vida,
Inda mesmo em momentos de amargura!

Sagrados Deuses, e hei de ver perdida
Esta fonte de bens e de prazeres,
Entre as garras da morte enfurecida?...

Não vos invejo, soberanos Seres,
Os bens que possuis; so vos invejo
O não teres receio de os perderes.

Ternos Pastores do aprazivel Tejo,
Alegrai-vos comigo: horas amaveis,
Parai; obedecei ao meo desejo.

Da candida amisade as mãos afaveis
Sinto animar-me; et já na erguida frente
Ella me imprime beijos adoraveis.

Tu me afagas, óDeusa!.Ceos!.Que enchente
De graças lhe atavia o meigo rosto,
E da boca lhe sahe tam docemente!

Sim: Amigos achei; fuja o desgosto
Sobre as azas do Tempo fugitivo,
E na terra não torne a achar mais posto.

O Fado, n'outro tempo, injusto esquivo
Fez-me beber no calix da desgraça
Mil desprazeres de amargor activo.

Esgotei he verdade, a horrivel tassa:
Mas ao tragar do fel, terna amisade
Achei; ter já não temo a sorte escassa.

Dos beiços teos pendendo, a suavidade
Meos trabalhos adoça; não te excede
Dos favos de Hybla a doce amenidade.

Junto a ti não receio fome ou sede;
Pois, com armas singelas a Virtude
De encarar-me ferozes, as impede.

Nos altos tectos, no penhasco rude,
Se a meo lado te encontro, da tristeza
Recear o semblante nunca pude.

Meo querido Fileno, a Natureza
Esmerou-se em formar-te, no teu peito
Unindo dotes de immortal belleza.

A ternura beijou teo brando aspeito;
E dos seos labios o signal gravado
Infunde puro amor, puro respeito.

De ti para mim vôa o delicado
Sentimento, com sua mão mimosa
Polindo um coração por ti formado.

Seo tacto he tam macio como a rosa
De transparente orvalho rosciada,
Quando a bafeja Felis amorosa.

Amisade fiel tam desejada,
Tu não existes só na fantasia,
Tu não es uma fabula sonhada.

Enchei-vos, rios, montes, de alegria;
Senti um pouco do prazer, que abala
Minhas entranhas n'este claro dia.

Loucos Amantes, vosso peito estala
Nos braços do ciume roedor,
E em vos a paixão cega he só quem fala.

Se assim mesmo prezais esse furor,
Que a razão desaprova, sêde embora
Escravos do tyrano Deus de Amor.

Fileno, a tua voz encantadora
Faze soar, verei baxar a ouvir-te
A Razão, que tua alma tanto adora.

A sublime Razão que fez sentir-te
O veneno cruel, que Amor encobre
Nas settas com que já soube ferir-te.

Ah! trinta vezes seus prazeres dobre.
Esse louco rapaz; terna Amisade!
Eu não o temo; o braço teo me cobre.

Das almas puras pura Divindade,
Escuta-me benigna: dize, a Morte
Não poupará Fileno?... Ceos! piedade!

Dize-me, acaso a desabrida sorte,
Antes que eu desça á fria sepultura
Desferirá contra elle o final corte?

E como poderei sua figura
Ver em medonho feretro estendida,
Tinta da côr da pallida amargura!

Seos olhos.... seo esp'rito.... O' desabrida
Imagem, de mim foge: que eu não posso
Suportar tam pungente, atroz ferida.

Deusa que imperas sobre o peito nosso,
Ouve os meos rogos: assim cante a Terra
Sempre louvores ao imperio vosso.

Os meos gemidos no teu seio enterra:
Escuta, ó Deusa: no fatal momento,
Que em si do meo Fileno a morte encerra,
Faze que eu tambem lance o ultimo alento.

SONETOS.

SONETO I.º

Oito annos apenas eu contava,
Quando á furia do mar abandonnando
A vida, em fragil lenho, e demandando
Novos climas, da patria me ausentava.

Desde então á tristeza começava
O tenro peito a ir acostumando;
E mais tyrana sorte adivinhando
Em lagrimas o Pae, e a Mae deixava.

Entre ferros, pobreza enfermidade
Eu vejo, ó Ceos! que dor! que iniqua sorte!
O começo da mais risonha idade.

A velhice cruel, (ó dura Morte!)
Que faz temer tam triste mocidade,
Para poupar-me descarrega o corte.

SONETO II.

Nas louras tranças da gentil Tircéa
Os Amores, por gosto se prenderam,
E em seos formosos olhos se esconderam
As tres Graças, e a mesma Cytherèa.

O terno pejo as faces lhe rodéa,
E as côres, com que as pinta, se escolheram
No seio da ternura: já cederam
Vulcano e Marte á chamma que ella atéa.

Dos rubros labios pende a formosura,
Que estendendo o seo braço delicado
O collo lhe formou de neve pura.

Este lindo semblante o Deus vendado
Beija mil vezes, e com elle jura
Ter dos Ceos, e da Terra triunfado.

SONETO III.

Que sonho tam feliz !... Em molle leito
Os membros, caro Anfriso repousava,
Quando, as azas batendo, se encostava
Um filho de Morpheo sobre o meo peito.

Meneando um pincel com ledo aspeito,
Nos braços da Amisade me pintava,
Que risonha o seo templo me mostrava
Aonde os Deuses entram com respeito.

Junto á porta se via a compassiva
Ternura, que o teu nome repetindo,
Parecia ficar por isso altiva.

Mal me viu, foi o ermo Templo abrindo,
E da Deusa no Trono a imagem viva
De nossos corações vi reluzindo.

SONETO IV.

Feito de improviso junto á sepultura de D. Ignez de Castro.

Os Amores em chusma se ajuntaram
A formar esta lugubre escultura:
Mas ao traça-la, cheos de ternura,
Os meigos olhos com as mãos taparam.

O Genio da Tristeza, que invocaram,
Lhes aplica o cinzel á pedra dura
E a triste magestosa sepultura
De Ignez e Pedro juntos acabaram.

Para admirar esta obra, la de Gnido,
Talhando os ares, vem ligeiramente,
Vaidoso e ufano, o fero Deus Cupido:

Mas ao vê-la desmaia; e de repente,
De compaixão insolita movido,
O rosto vira, e o banha em pranto ardente.

SONETO V.

Ouvindo o pranto dos ficis Amores,
Que o seo chefe procuram, trespassada
De susto a linda Venus, desgrenhada
Corre a buscar o Filho entre os pastores.

Já pergunta por elle ás tenras flores:
Já aos ventos, e em lagrimas banhada,
Que lh'o tragam depressa, afflicta brada;
Prometendo mil premios, mil favores.

A um lado e outro, sem cessar voltando
Os olhos, onde a magoa reluzia,
Vê de Fileno, acaso, o gesto brando.

O Filho cuida vêr: e já corria
A dar-lhe um beijo; eis para, e suspirando
Recua; porque aljava lhe não via.

SONETO VI.

Maltratar a Tithon Amor jurava ;
Pois junto á bella Aurora adormecido,
Ser mais feliz que o proprio Rei de Guido,
Em sonhos engolfado imaginava.

Vai de Nize valer-se, que adorava;
Nos braços a segura enternecido,
E com sereno vôo despedido,
Ao lado de Tithon a recostava.

Acorda o branco Velho, e mansamente,
Os olhos esfregando, busca a Esposa,
Mas vendo Nize, estranho fogo sente.

Em vão quer abraça-la: a mão ciosa
De Cupido lh'a rouba ; e descontente
A vida desde então lhe he só penosa.

SONETO VII.

Aos annos de uma menina.

Não creas, gentil Marcia, na pintura,
Com que malignos Genios figuráram
O veloz Tempo, quando a mão lhe armaram
De cruenta, implacavel, foice dura.

Inimigo fatal da formosura,
Com fantasticas cores, o pintáram;
E nem ser elle, ao menos acenáram,
Quem desenvolve as graças da figura.

Qual cerrado botão de fresca rosa,
Que o ligeiro volver de um novo dia
Abre, e transforma em flor a mais mimosa:

Tal, a infantil belleza, inerte e fria,
De anno em anno se torna mais formosa,
E novo brilho, novas graças cria.

AS AVES,

Noite Philosophica.

AGORA que os humanos repousando
Seos lassos membros, um silencio triste
Parece *adormecer* a Natureza;
Quando apenas da Filha de Latona
Os descorados raios se divizam,
E de nocturnas tremolas estrelas
Brilha o clarão *escasso* e fugitivo;
Desce do cume do sagrado Olimpo,
O' Filha da Razão a mais amada,
Messageira da candida Verdade,
Sisuda Reflexão, que magestosa
Calcas o collo do suberbo Engano:
Escuta um genio que, de ti pendente,
As obras quer pintar da Divindade.
Sobre as azas brilhantes sopesado,
Com que sustentas firme os que te invocam,
Seguro voarei, acompanhando
Do ar os innocentes moradores.

Que scena tam sublime se me off'rece!
Nunca, ó dura familia dos humanos,
Celebrarei teu nome em prosa ou verso:
Vicios, cruezas, vergonhosos erros
Compoem a tua desgraçada historia:
Nos ermos bosques, *nos penhascos broncos*
Procurarei solicito alguns visos
Das singelas feições da Natureza,
Que estudado artificio, insano orgulho
Não poude ainda destruir de todo.
O' Tompson, ó Virgilio! Quem a lyra
Me poz ao lado, que soou no *Tibre*,
E nas ribeiras do avarento *Támesis*?
Eu lanço d'ella mão: tambem *no Tejo*
Ressoarão as suas aureas cordas.
Erguei, Tagides bellas, sobre as ondas
O delicado rosto; dai-me ouvidos,
E vereis como as graças da Poesia
Adornam, aviventam frios rasgos,
Com que um genio immortal, lá dentre os gelos
Da guerreira Suecia, desenhava
As varias ordens de emplumadas Aves.
Qual dextro General, que vendo a guerra
Assanhar as serpentes sibilantes,
Da carrancuda fronte em mil fileiras

Sabio divide a militar cohorte;
Assim a Mae fecunda e providente,
Que vigorosa e meiga communica
A tudo o ser e a vida, combatendo
Em campo aberto a confusão escura,
Em seis diversos batalhões reparte
O lisonjeiro matizado bando
Das voadoras aves. Qual batendo
As desenvoltas azas lhe deslumbra
Os olhos assombrados: qual cantando
Faz o terrivel tresdobrado açoite
Cahir das mãos da perfida inimiga:
Qual outro encurva as retorcidas unhas,
E com gesto feróz, acceso em ira
Lhe arranca a vida em negro sangue envolta.
Já vejo triunfantes sobre as nuvens
Soltar ligeiras destemido vôo
As carniceiras aves bellicosas,
Que só vivem de roubos sanguinarios.
Diferente figura lhes pintára
Das mais, que vivem sobre os mansos arcs,
O supremo Senhor que tudo rege;
Quando, cheo de luz e magestade,
Fazia retumbar, do informe Nada
No perguiçoso reino, a creadora

Omnipotente voz. Dura materia
Da sua frente desce dividida
Em forma orizontal, rostro lhe chamam:
Ora quasi ao nascer logo começa
A curvar-se feroz: ora já perto
Da *aguda* ponta se endurece, e torce:
A parte superior a um lado e outro,
Se estende, e cobre o que debaxo fica
As vezes inimigo dente alveja,
E ameaça do ar os moradores.
Tudo n'ellas retrata o turvo aspeito
Da faminta, cruel ferocidade.
Foi ella quem, movendo as mãos de ferro,
As unhas lhe arqueou, soltou lhe os dedos,
Que uma leve membrana prende em outros:
Pequenas prominencias, que os afeam,
Uniu a estes, e de força rára
Os membros todos lhe *dotou* raivosa.
O' tu, que cercas o terreno espaço,
Que, com os outros seres reputados
Por elementos primitivos, gozas
Da gloria de formar a Natureza;
Que as vezes *susurrando* mollemente
Retratas de Cupido o somno *brando*;
Que outras vezes zunindo furioso,

Os mares revolvendo, os Ceos insultas,
Deserto não serás. Ligeiras aves
Vam seos ninhos deixar, e remontar-se
Sobre a massa pesada que lhe off'reces.
Amor as tinha unido, este Deus cego
Que estende o seo poder do bruto ao Homem,
Animando o Universo frio e inerte
Per toda parte com seo vivo influxo.
Apenas a benigna Primavera
Sua face risonha sobre a Terra
Principia a mostrar; movendo as azas
O carrancudo Abutre, e expondo ao vento
A despida cabeça, a um lado e outro
Volve a cruenta bipartida lingoa;
E sobre alcantilada nua rocha,
Onde as ondas quebrando *iradas fremem*,
Ou ja sobre o mais alto erguido cume
De pedregosas, ingremes montanhas,
Em vão dos bravos ventos açoitadas,
Seo ninho vai formar; em quanto gira
O ousado Falcão, tambem no bico,
Que em torno cerca já gastada pelle,
Os aprestes trazendo que lhe aponta
Amor, da Natureza doce esteio.
Em que te occupas, diligente *Lanio*,

Quando já de mil flores coroada
A estação dos Amores se adianta?
Já te vejo rasgar os leves ares,
E sentindo aquecer o rubro sangue
Cedes tambem de Amor ao vivo impulso.
Sim, es tu..... não me engano..?.. a Natureza
No teo rostro caracter *mui distincto* »
Estampou com mão firme *e vigorosa*, »
Fazendo-o menos curvo, e interrompendo »
A constante, subtil, polida margem
Com mui visivel falha, e vigorando-o
Com assassino duplicado dente:
Não te demores, aproveita os dias,
Em que ferve o prazer, e Venus bella
D'entre as vagas do mar, onde acolhida
No seio de Amphitrite repousava,
Ergue a frente cercada de deleites.
Olha como respira docemente,
E nas azas dos Zefiros levada
Seo halito fecundo se insinua
Nas entranhas da Terra amortecida:
Como, depois do Inverno triste e languido,
Remoça o orbe vigoroso e ledo.
Já nos campos, nas asperas florestas
Ao ninho esperançoso te convidam

As arvores, no verde altivo cume
Afiançando providente abrigo.
Não eram estes os cuidados ternos,
Que na amorosa, errada fantazia
Imaginavas nescia, ó Nictimene.
Suberbo throno a perfida Fortuna
Parecia guardar-te; eis de repente
Da Noite sob o manto escuro e denso
Envolta foges, agoirando males,
E te esquivas á luz do sol brilhante.
Nas frouxas garras do lascivo Incesto,
Perdeste a delicada antiga forma.
A occulta mão, que o crime enfrea e pune,
De escuras pennas revestiu-te o corpo:
Na cabeça disforme la te rasga
Os olhos que, por grandes, mais te afeam,
Nem se erguem sobre o curvo rostro ás plumas,
Que airosas n'outras aves o rematam:
Frouxas e reclinadas a guarnecem,
Afrontando as obtusas corneas ventas,
E entre todas te fazem conhecida.
De Creta sobre as praias lastimosas,
Aonde pela vez primeira o canto,
Horrivel que entoaste, foi ouvido;
Desgrenhando as madeixas de oiro fino,

Longos annos gemendo memoraram
Teos erros, e teo fado miserando,
As compassivas Ninfas, e as Napeas.
Mal podem consolar-te ufanas plumas,
Que recurvadas na cabeça imitam
Da tortuosa orelha o fino talho:
Embora a teo querer obedientes
Ora se abaxem, ora se levantem:
Não cabe em vãos ornatos da desgraça
Mitigar o pungente acerbo golpe:
Que te vale ter sido consagrada
A' casta Deusa que ao saber preside;
Se te deslumbra os olhos vergonhosos
A luz clara do dia, e torpe objecto
Exposta jazes á picante mofa
Dos passaros mais debeis, e mesquinhos?
Tal he por toda parte o teo destino,
Quer nos campos da Ausonia, negras azas
Agites, ou nos rijos pés despidos
De plumage te firmes: quer ostentes
Alvo corpo nas frigidas montanhas,
Onde o baxo Laponio contrafeito,
Miseravel sustenta errante vida.
Embora vingues dilatados mares,
E de Hudson nas röchas procellosas

Assentes o teo ninho, ou la nas terras,
Onde o seo throno nebuloso o Inverno
Firmou sobre montões de fria neve,
E esteril gelo; terras desditosas,
Que um capitam brioso, alucinado,
O ousado Magálhães ao mundo antigo
Patentes fez, tentando nova estrada
Que per ignotos rumos conduzisse
Os emulos da patria a disputar-lhe
O dominio e riquezas do Oriente:
Vingança torpe de renome indigna!
Debalde buscas solitario asilo
Em ermas plagas, em gelados climas:
Sitio não há, aonde os refulgentes
Raios do claro sol te não deslumbrem,
E em que a vil cobardia não te force
A suportar ludibrioso escarneo
Das aves que, feroz e atraiçoada,
Surprendes, e que barbara laceras,
Quando da Noite o soporoso bafo
As convida a gozar placido somno.
Nem tua crua indole se abranda
Nos climas do Brazil, onde Amor vive
De exquisitos deleites, de finezas,
E de ternas meiguices rodeado:

Paiz aonde as Musas, que risonhas,
Carinhosas o berço me embalaram,
Outra Hippocrene rebentar fariam,
Outro Parnaso excelso e sublimado
Aos Ceos levantariam, se ao ruido
De pesados grilhões jamais podessem
As filhas da Memoria acostumar-se.
Ali a terra com perenne vida
Do seio liberal desaferrolha
Riquezas mil, que o Lusitano avaro
Ou mal conhece, ou mal aproveitando,
Esconde com ciume ao Mundo inteiro (1).
Ali, ó dor!.... ó minha Patria amada!
A Ignorancia firmou seo rude assento,
E com halito inerte tudo damna,
Os erros difundindo, e da verdade
O clarão ofuscando luminoso.
Ali servil temor, e abatimento
Os corações briosos amortece,

(1) Esta obra foi escrita mais de vinte annos antes de S. M. passar a este paiz, e de estabelecer n'elle o mais *liberal* dos governos. Actualmente viajam no seo interior *Mineralogistas* e *Botanicos* Francezes, Alemães, e Bavaros: e viajariam os de outra qualquer Nação, se o pretendessem.

E em quanto a Natureza desenhava
De outro Eden as campinas deleitosas,
A estupida Ambição com mão mesquinha
Transtornou seo magnifico projecto,
E so parece aparelhar abrigo
A's aves, que ao dia se arreceam,
E procuram da Noite a sombra triste.
Por isso, ó Nictimene, te acolheste
Do Brazil aos rochedos e ás florestas,
Aonde o Indio em seo falar singelo
Jacorutú chamou-te, e te conhece
Não só pelas feições, com que na Europa
O Bufo das mais Aves se apartára;
Mas pela varia cor de branco e fusco,
E de amarelo que te tinge as pennas
A despeito de tam gentil plumage,
As aves que te temem, quando assoma
No longinquo orizonte o prateado,
Sereno rosto de Diana casta,
De ti zombam, mal Phebo d'entre os braços
De Thetis se levanta radioso.
Mas não foste tu só, que o Fado austero
Assim tratou: Princeza desgraçada,
Bem sabido he o caso lastimoso
De Ascálafo loquaz, quando do Erebo

Agastada a Rainha quiz punil-o
I a funesta imprudencia em que cahira.
Já pela mão de Ceres conduzidos
Abandonavam as incultas brenhas
Os homens d'antes barbaros e rudes,
E qual de abelhas diligente exame,
Com discreto trabalho melhoravam
Os fructos que bravios dava a terra,
E as ricas fontes da abundancia abriam.
Já das artes em fim a que mais vale,
Aquella que fixou e que sustenta
O social Estado, começava
A libertar os homens da bruteza,
Que nas asperas serras os detinha;
Quando das chamas do sulphureo Etna,
Em voragens envolto de atro fumo,
Rompeu, e viu o dia o Deus do Averno.
Amor, que então nas aprazíveis praias
Da Sicilia aportára, mal o avista
Maligno se sorrî, e com destreza
No arco embebe envenenada setta,
Com que lhe vare o duro indocil peito.
Mal o tiro desfere, e vê turbado
O implacavel Plutão, que ancioso exhala
Um profundo suspiro; a mão erguendo,

Como dedo lhe aponta astucioso »
Proserpina de Ceres filha amada, »
Que festiva traçava, e graciosa »
Mil innocentes jogos com as Nimphas, »
Suas ledas, amaveis companheiras: »
Vê-la, abraçal-a, e com despejo insano »
Rouba-la, foram actos de um momento, »
Para o Deus que domina o Estigio lago.
Mas já soam os miseros lamentos, »
Os suspiros, as lagrimas queixosas
Da magoada Ceres que buscava, »
Atonita e convulsa, a cara Filha. »
Debalde pressurosa os desabridos »
Climas percorre aonde o frio Norte »
No gelo enrija as ponteagudas azas: »
Debalde a esses passa, aonde Cook »
Ousado quanto humano com mão firme »
Fixou do mundo a derradeira meta: »
Debalde a sua amavel Proserpina »
Chama, vertendo amargurado pranto: »
Nenhuma voz responde a seos clamores: »
Nenhum vestigio encontra, que avivente »
Em sua alma a esperança amortecida. »
De novo entre gemidos volta aos campos,
Onde Arethusa, em fonte transformada,

Per desvios conduz as claras agoas,
Como se inda fugisse á petulancia,
Com que Alfeo abraça-la pretendia.
Os olhos, onde as lagrimas pulavam,
Lançando acaso á limpida corrente,
Vê ainda boiando sobre as ondas
O cinto virginal de Proserpina;
E como se a perdera nesse instante,
Volvendo ao Ceo o rosto magoado,
Fere co' as tenras mãos o niveo peito,
E solta aos ares insofridos brados.
Já quasi maldizia a terra ingrata,
Em que tanto pezar a sossobrava;
Quando Alfeo, d'entre as agoas levantando
A limosa cabeça, lhe dizia:
Modera, ó Deusa, a tua dor; e sabe
Que no Tartareo Reino o sceptro empunha
Do teo materno Amor o doce objecto:
Eu a vi, de Plutão entre os nervosos
Negros braços, entrar no seio escuro
Da terra, que se abrira; e conduzida
Ser por elle aos Abysmos. Só de Jove
A voz omnipotente pode agora
Arranca la do reino de Summano.
Disse; e a Deusa subindo ao alto Empireo,

A Jupiter expõe o infame roubo, »
Com lagrimas de dôr pungente e viva. »
Condoido o Pae terno lhe promete »
Que a filha lhe será restituida; »
Se, com fructos do Averno, suavisado »
Ainda não tiver a fome ou sede. »
Lei dura! mas do Fado irrevogavel »
No livro dos Destinos decretada. »
Afoita Ceres desce ao Lago Estigio: »
Mas pode acaso afiançar prudente »
Quem a força conhece, e o vivo impulso »
Dos apetites no femineo sexo, »
Que de um formoso fructo os atractivos »
Não ham de escurecer, por um momento, »
De acerbas magoas a impressão penosa? »
Proserpina gentil, sem que a pungente »
Materna saudade lhe empecesse, »
Ou de Plutão a barbara bruteza »
Dê invencivel horror a penetrasse, »
Tinha provado, nos jardins que cercam »
Do austero Dite o magestoso Paço, »
Succosos bagos de romam viçosa, »
Que a rubra cor da vivida granada »
Pelas fendas da casca aos olhos mostra. »
Ascalafo sómente a tinha visto

Saborear o delicado pomo; »
Ascalafo, que filho era de Orphene,
Entre as Nymphas do Averno a mais formosa.
Tal da Ethiopia nas adustas Cortes, »
Entre as esposas dos brutaes Monarchas, »
Por linda se avantaja a que reune
A' negra cor do ébano lustroso »
Olhos, aonde o fogo de Amor brilha, »
E dentes que na alvura sobrepujam
O polido marfim: assim de Ascalafo
No Averno a Mae gentil se avantajava »
A's outras Nymphas de infernal belleza, »
E Plutão junto d'ella, muitas vezes,
Das fadigas do throno se esquecia.
Até ao vê-la o duro Rhadamanto
Se diz que os feros olhos ameigava: »
Mas era vãa, travessa, e sem disvelo
Tinha educado o filho, que imprudente
O segredo fatal revela, quando »
Já entre os meigos braços a Mae terna »
Reconduzia a suspirada Filha. »
Indignou-se do Erebo a Sob'rana,
E nas agoas do torvo Phlegethonte
Ensopando flexivel, tenro hysopo,
Lhe aspergiu a cabeça que disforme, »

E emplumada ficou: a um lado, e outro »
Seis recurvadas pennas se levantam, »
A's humanas orelhas parecidas; »
Quiz falar, e do rostro adunco rompem
Somente tristes agoireiros pios,
Que frequente com rouca voz repete: »
Vai os braços mover, e sobre os ares »
O levantam pintadas longas azas »
De pardo-escuro, e ruivo colorido:
Em vez de pés, so dedos guarnecidos
Acha de agudas encurvadas unhas:
Desde então as nocturnas sombras ama;
E do Averno fugindo sobre a Terra
O vôo dirigiu, onde lhe chamam
Mocho, presago de funestos males.
Ora habita edificios carcomidos,
Ora cavernas de medonhas rochas,
Ou cavos troncos de arvores antigas:
Sempre nos montes vive, e perguiçoso,
O unico signal que testemunha
Sua antiga grandeza, he a vaidade »
Com que em ninhos alheios deposita »
Os proprios ovos, para ver sem custo »
Prosperar a voraz infausta prole. (1) »

(1) He abuso inveterado entre os Portuguezes,

Apezar da perguiça, que lhe acanha
Os brios, muitas vezes por morada
Escolhe as terras, onde Marte ostenta
Já fereza selvatica indomavel,
Já discreto valor, e arte engenhosa;
E na patria aparece dos Gustavos,
Ou lá no Canadá quasi deserto:
Nem duvida assentar nocturno pouso
Na fertil regadia Carolina,
Onde a face do homem brilha ufana
Com as feições da nobre independencia.
Viver não'lhe apraz menos nas Antilhas;
Mas como se intentara disfarçar-se
Em acanhado corpo, se assimilha

---

assim Europeos como Americanos, dar a crear seos filhos a escravas ou amas mercenarias, não tanto pelo desejo de libertarem as proprias mulheres do incomodo de amamentarem os filhos, como pela fatuidade de ostentarem educação diferente da do povo baxo e miseravel. E he esta preocupação tanto mais forte, quanto menos tempo ha que as Familias, que a adoptam, sahiram d'aquella classe, com a qual a sua actual riqueza as leva a pretender não confundir-se: ou da qual só se distinguem pelos bens que possuem.

Ao Cuco detestado dos esposos,
Bem que este facilmente se distingua;
Porque menos disforme move as lisas »
De variada cor lustrosas pennas. »
Aos lados da cabeça uma só pluma »
Se lhe divisa, a qual mui mal imita »
O talhe auricular. Contam que fora »
Da Etruria n'outro tempo Rei potente, »
Dotado de belleza sobre-humana, »
De engraçados, afaveis, meigos gestos, »
Que com força invencivel atrahia »
Os corações mais rigidos e austeros. »
Sempre imbelle, jamais brandira lança, »
Ou escudo embraçou, cingiu espada; »
So de Cupido na amorosa guerra »
Continuo se mostrou firme, e incançavel. »
Alpinello era o nome do Monarcha,
Da poderosa Venus protegido,
Que devoto podera ornar seos Templos
Com mil padrões de insolitos prodigios.
Oprimido dos annos, e coberto
Dos louros triunfaes do Deus de Gnido,
A' Deusa pede com instantes rogos,
Que lhe conserve o ser, e a forma mude
Em ave graciosa, cujo canto,

Seo nome e seos triunfos recordando,
A fama perpetue das ditosas
Continuas oblações, que lhe ofertára.
Ouviu a Deusa a suplica devota,
E em premio de seo merito o transforma
Naquella ave maligna, conhecida
Pelo nome de *Cuco*, que inda agora
As vivas fantazias atormenta
De ciosos, amantes indiscretos,
Pintando n'ellas mil visões funestas
De torpes scenas, perfidos enganos.
Assim vagando, de um em outro clima,
Chegou té ás austraes miseras terras,
Firme morada em todas assentando.
No fecundo Brazil, onde seo corpo
Apoucado se mostra, o nome troca
Em Caburé; mas, mais formoso ostenta
Grandes, redondos, amarellos olhos,
Onde brilha central negra pupilla:
A seo arbitrio abaxa, ou ergue as plumas
Que, em lateral postura, a frente adornam,
Quaes agudas, polidas, moveis pontas.
Facilmente domestico, e tranquillo
Nas casas vive aonde encontra abrigo.
Assim de Kolbe ao Cuco se assimilha,

Que habita o proceloso promontorio »
Onde Eólo suberbo se enfurece; »
E onde Adamastor, com voz horrenda, »
Que pareceu sahir do mar profundo, »
Ameaçava o destemido Gama, »
Quando nas Indianas ricas praias »
Ia plantar as Lusitanas Quinas. »
Sublime genio, que na mente fertil "
Do Sulmonense Vate despertaste "
O fogo animador, com que retrata "
Da Natureza as obras e as mudanças; "
D'esse lume celeste na minha alma "
Sacode uma faisca, que avivando "
A já cansada fròxa fantazia, "
N'ella suscite imagens vigorosas, "
E nobres expressões apropriadas "
Para cantar os casos lastimosos, "
Os crimes descrever, e a iniquidade "
D'esses homens que o mundo chamou grandes "
E grandes em maldades foram dignos "
De que o supremo Jove, em justa pena "
De suas horrorosas crueldades, "
Os convertesse em carniceiras aves, "
(N'essas aves sombrias que so amam "
A escuridão das pavorosas trevas, "

E que, apenas desponta no oriente
O claro Sol benigno derramando
Sobre a face da Terra a luz brilhante,
Ao seo aureo clarão promptas se occultam,
Como temendo que as feições disformes,
Que o Ceo aos crimes seos apropriára,
Patentes façam as paixões horriveis,
Que em seos peitos ferozes inda abrigam :)
E que expostos aos olhos dos humanos
Os torne detestavel, digno objecto
Da execração, e do geral desprezo.
  Posto que similhantes na figura
A's descriptas té aqui, nenhuma off'rece
Na alisada cabeça leves pennas
De forma auricular ; e com diversos
Desenhos as distingue varíamente
A rica inexhaurivel Natureza ;
Alvo corpo lhes deu ; e as brancas azas
Com fuscas, separadas, curvas malhas,
A's vezes, adornou ao duro Harfango,
Que mais grave e avultado do que o Bufo,
Distinto d'esse fez, não sem motivo.
  Tu o sabes, ó Dania, pois trocado
Viste na forma d'esta feroz Ave,
Esse brutal Monarcha deshumano,

Que de sangue te encheo, te encheo de horrores
O infame Christierno, que de Nero »
Teve a maldade, e mereceu o nome, »
Agora so habita, e so levanta, »
Pesado e carrancudo, o triste vôo »
Nos paizes, aonde o frio intenso »
O natural instincto lhe entorpece, »
E aonde sombrio e carregado, »
Oprimido parece da lembrança »
Das passadas perfidias e cruezas. »
Nos climas boreaes do novo mundo »
Tambem tomou assento; mas so ousa »
Raramente pousar no chão ditoso »
Que de Franklin o genio sobre-humano
Salvou das iras do celeste raio,
E dos furores do Britano altivo.
Mais livre e menos fera, em toda a Europa
A Coruja revôa, apresentando
Quaes os dentes da serra cortadora
As pennas principaes, com que parece
Remar, quando divide os densos ares,
E n'elles bate as perguiçosas azas. »
Fusca, desagradavel cor lhe afea »
O corpo de mil plumas estofado. »
Em vão nos encovados olhos brilha »

O iris negro ; n'elles se divisa
Da oleosa avelam a cor sombria.
Em espessos silvados se agasalha,
Ou nas copadas arvores, e d'ellas
Nas abertas musgosas cavidades,
Durante o dia, frôxa se recolhe,
Mal entra o Sol nos invernosos signos.
Entre os gemidos funebres, que exhalas,
O' triste Noitibó, lá se distinguem
Os rangedores gritos, que do centro
Dos cemiterios lugubres espalhas,
Pavoroso temor, gelado susto
Derramando nos peitos indiscretos
Dos ignorantes, crédulos humanos,
A quem a fé estupida inda oprime
De fatidicos, vãos, negros agoiros :
Agoiros que de Roma presidiram
A' baxa fundação, e que no tempo
De sua colossal grandeza ainda
As guerreiras emprezas dirigiam,
Mas que hoje os mesmos Scipões e Emilios,
Respeito e pasmo do Universo absorto,
So de riso ou de dó dignos fariam :
Tanto pode do tempo a dura lima,
E da Razão a placida cultura !

O teo dorso amarello, aonde ondeam
Pardas escuras manchas de ordinario
De brancos lindos pontos salpicadas,
Gentilmente realça, contrastando
Com a alvura do corpo, e com o rostro,
Que negro he só na ponta, aguda e curva,
Com que feres e matas os coitados
Miseros passarinhos innocentes,
E com que fazes implacavel guerra
Aos damninhos, subtis, timidos ratos.
Foi n'esta Ave mesquinha pregoeira
De funereos desastres, que o Destino
Transformou esse hypocrita cruento,
Dissimulado perfido Philipe,
Que atropelando as Leis da Natureza,
Insultando a Razão e a Divindadade,
De fogueiras cobriu, cobriu de luto
A desgraçada Hespanha: que falsario
Acusador e algoz do proprio Filho,
Para a esposa roubar-lhe, á morte o entrega,
Simulando da Fé zelo exaltado
Que em sua alma perversa jámais coube:(1)

(1) Se Philipe II.° de Hespanha occasionou, ou não, a morte de seo filho, o desgraçado Principe D.

Feroz, ambicioso, insaciavel,
Que roubando, sem pejo, sem disfarce,
Os direitos dos Povos que oprimia,

Carlos, hé ponto historico ainda controvertido, e que pelas dificuldades que os Escriptores Hespanhoes deviam encontrar em produzir as provas que o verificassem, e até pelo temor de o fazerem, he de esperar que fique para sempre duvidoso. Não obstante porém que a divulgação de uma tal voz, e de uma tam horrivel imputação, combinada com o caracter bem conhecido de Philipe II.°, façam assaz verosimil a sua realidade, eu não tenho em vista n'este logar corroborar os fundamentos da credibilidade d'este facto; limito-me a fazer sensivel o horror que uma tal acção deve naturalmente inspirar. Poetas não são Historiadores, aproveitam-se da Historia, alteram-na, e até fabulam para introduzir em seos poemas as ideas que podem dar-lhes realce, avivando nos corações de seos leitores o amor da virtude, o horror do crime e em geral todos os sentimentos nobres e generosos. Se esta permissão hé dada a todos os Poetas, como poderá negar-se a um Portuguez amante de sua Patria, e pessoalmente obrigado aos seos Soberanos, quando procura augmentar o horror contra um Principe estranho, que oprimio essa Patria, e usurpou os direitos d'esses Soberanos?

Dilacerou cruel o manso Belga,
E sugeitou com barbara perfidia
A ferreo jugo o Lusitano Reino.
Tambem tu, ó Rainha deshumana,
Que em Philipe terias digno esposo;
Que impia precipitaste nos abismos
Do Averno, um apoz outro, os proprios filhos;
Tu que a noite medonha aparelhaste,
Em que Atropos, das Furias rodeada,
Armou do Fanatismo as mãos cruentas,
E de sangue banhou a França inteira:
O'Medicis, indigna de tal nome,
Inda mortes e horrores respiravas,
Quando os Ceos indignados te mudaram
Na mesma Ave nocturna, em que já fora
Mudado o filho horrendo de Agripina.
Teo torto rostro, recurvadas unhas,
Teo grito apupador e dissonante,
Teos azulados olhos não consentem,
Nem a terceira remadora penna,
A qual ás outras todas se avantaja,
Que com outra alguma ave te confundas.
Entre os Argivos *Glaux* fostes chamada:
Menos exactos, deram-te os Romanos
De *Noctua* o nome improprio, nome vago:

Coruja apupadora antes chamar-te
Quizera, ou derivar de teos apupos
Um nome imitador, e apelidar-te
Chat-huant, á maneira dos Francezes.
Oxalá que eu podesse apropriar-te
De *Tuidará* o nome, que designa
O Noitibó, na armoniosa lingua
Do perguiçoso, afavel Brasileiro.
Com diversas feições, diverso nome
O Noitibó, e o *Chat-huant* habitam,
Não só na desabrida Scandinavia,
Mas nos climas aonde o Sol dardeja
Com mais calor os encendidos raios.
Com tudo de Cayana, per tal modo,
No terreno fecundo e apaúlado,
O *Chat-huant* varia, que parece
Nova especie formar, offerecendo
A'vista estranhas, variadas cores:
O bico côr de carne, as unhas negras,
Os olhos amarelos, e a plumage
Ruiva, e mui subtilmente atravessada
De escuras riscas, que no dorso e peito,
E no ventre, lustrosas se divisam.
Tambem move amarelos feos olhos
A *Ulula*, que só vive nos rochedos.

Entre ruinas, e asperas pedreiras, »
Ou ingremes, pendentes penedias, »
E sempre melancolica e sombria,
Nas solitarias brenhas busca azilo. »
Seo corpo, que per cima he branco e fusco, »
Os traços apresenta que figuram
Ligeiras, ondulantes, vivas chammas. »
Distingue-se tambem, porque na cauda
As pennas, que a guarnecem e qual leme »
O vôo lhe dirigem, matizadas »
São de rectas, subtis, candidas riscas; »
Estas tambem a cauda aformoseam »
Da *Extrix* do Canadá, mas mais delgadas, »
Froxamente alvejando, la se avistam »
Sobre a ponta, nas pennas entremedias. »
Sua erguida cabeça, negra no alto, »
De alvos pequenos pontos he manchada, »
Imitando do corpo as brancas malhas, »
Que sobre a parda côr nitidas brilham. »
Na parte anterior seo rostro alveja, »
Em tanto que nos olhos lhe scintila »
O amarelado iris reluzente, »
Que do doirado goivo a côr imita, »
De florentes Jardins cheiroso ornato. »
E como es facilmente conhecida »

Zuela, ou antes passarinho *Mocho*!
Qual outra ave apresenta a nossos olhos
Cinco distinctos laivos que branquejam
Em regulares filas alinhados?
Teo encurvado bico he amarello
Na ponta, mas escuro sobre a base:
Teo corpo iguala apenas em grandeza
O do canóro sibilante Melro.
D'esta arte, a rica e sábia Natureza
Em continua cadea os seres liga,
Que no Globo espalhou; mas que dispostos
Aos olhos do Zoologo discreto,
Em ordem regular, per diferenças
Tam tenues se distinguem, que parece,
Que ella quiz, graduando subtilmente
As transições de uns seres para os outros,
Per insensiveis passos, n'um so todo
Immensos *todos* reunir distinctos.(1)

(1) O pensamento, que desenvolvi nestes dez versos, acha-se no original expressado da maneira seguinte:

He assim que a sublime Natureza,
Com laço intelligente os corpos une,
Que no Globo espalhou, desde os maiores
Até os mais escasses, e mesquinhos.

Assim de Hudson se vê na funda e vasta »
Bahia, revoar a ave que imita
O Gavião no bico, e audaz empolga
Em pleno dia a desgraçada preza:
Distingue-se mui pouco, na cabeça »
E nos pés, da lucifuga Coruja. »
Caperacoh he o nome que lhe deram, »

Per mil modos os une, e prende todos:
Até leves *nuanças* forma, e assombra,
Com que feições diversas misturando,
Finge unir n'um so ser diversos seres.

Determinei-me a substituir aquelles a estes versos, alem de diversas considerações faceis de perceber, a quem sabe avaliar a armonia da versificação, e tem verdadeiro conhecimento da lingoa Portugueza; por não me animar a introduzir n'esta o termo francez *nuança*, de que aliás muito carecemos. Entre tanto para que o exemplo de um homem de tanto espirito, saber e gosto, como o autor d'esta singular composição, não falte a algum bom engenho portuguez dotado da resolução que eu não tenho, transcrevi a passagem que por timido alterei. N'ella e na que lhe substituí, persuado-me que se encontra quanto basta para fundar sobre este ponto a deliberação de qualquer Escritor discreto, que se sinta com forças de formar autoridade.

De raizes Britanicas formado:
A varia cor das pennas a distingue;
Negras no alto são da erguida fronte,
De candidos salpicos misturadas;
As que dos cotos pendem sobre as azas,
De riscas transversaes são adornadas,
Já brancas, já escuras; mas entre ellas
As trez, que ao corpo mais visinhas ficam
So de candidas orlas são bordadas.
Longas escuras manchas se divisam,
A parte inferior atravessando
Da garganta, e ornando o ventre, os lados,
O musculoso peito, e as leves pernas.
Entre as compridas pennas, que lhe formam
As azas, a primeira he toda escura
Sem orla, ou branca malha, que a belleza
Lhe realce: tambem nisto imitando
As ferozes carnivoras Corujas.
Nas tortas aguçadas unhas segue
Das outras aves de rapina a forma.
N'esta feição, ou antes ofensiva
Arma, nenhuma outra a Natureza
Distinguiu com figura menos curva
Do que o sordido Abutre, que do Tigre
A força em porporção, e a sanha iguala.

. . .

De pennas a cabeça despojada,
De dura, nua pelle guarnecida,
Na parte anterior os olhos mostra
A'flor da face vivos scintilando.
A lingua ao comprimento dividida
Per um direito rego, e levantada
De um lado e outro lado, na dureza
As rijas cartilagens igualando,
De uma calha a figura representa,
Per onde a agoa no ventre se lhe entorna.
O collo tem despido, e mal apenas
De macia penuge se guarnece,
Per entre aqual de quando em quando erguidas
Raras, grosseiras cerdas se apresentam:
Inclinada postura sempre toma
Carregado e sombrio; bem mostrando
N'este ingrato pendor a indole fera
De seo cruento genio, e duro instincto.
Menos ferino, ou antes menos forte,
Lançando aos ares lamentosos gritos
Ante meos olhos vejo Perenóptero,
Habitador dos levantados montes,
Que ousado atravessou o grande Annibal,
Quando o tremendo voto executando,
A que Amilcar seo Pae o persuadira,

Entrou na amena Italia, e ante as hostes »
Dos Penos fez tremer o Capitolio. »
Tambem na Grecia vive, onde as sciencias »
N'outro tempo existiram de mãos dadas »
Com leis, que a liberdade asseguravam, »
E onde agora a Ignorancia sódomina, »
Do Despotismo filha, irmãa, e esposa: »
N'esta terra infeliz, onde calcadas »
São as cinzas de Phocion, e Aristides »
Aos pés de vis Eunuchos, e de rudes »
Orgulhosos Baxás, a quem distingue »
A cauda triplicada, insignia propria »
De brutaes, ignorantes Potentados; »
N'esta terra, que as lagrimas promove »
Dos homens entendidos, solta o vôo »
Depois de repetidos vãos esforços
O pesado choroso Perenóptero. »
As pennas principaes, que ao ar o elevam, »
Na extrema margem são de branco tintas,
Excepto quatro ou duas, que se assentam,
Como primeiras, sobre as mais que as seguem,
E que uma mesma côr constantes guardam.
Das asquerosas ventas lhe dimana
Continuo mal cheiroso humor nojento;
E quando sobre os rudes pés se firma, »

As azas frôxo mal fechadas deixa; »
O que os outros Abutres, de ordinario, »
E carniceiras aves tambem fazem; »
Signal da laxidão, que lhes repassa
O peito vil, aonde se reunem
Cobardia e cruel ferocidade,
Eis a forma horrorosa e desprezivel »
Que, em castigo de teos nefandos crimes, »
Os sempre justos Ceos te destinaram, »
O'Triumviro infame, que escôndendo
A tua natural indole féra »
Debaxo de estudadas aparencias »
De modestas virtudes, que não tinhas, »
Com aleivosa boca profanando
De Cidadão Romano o nome e a gloria,
Os grilhões apertaste á tua Patria,
E os filhos dos Valerios, e dos Gracchos »
Submeteste a teo jugo vergonhoso. »
Em vão das castas Musas procuraste *
O abrigo protector; em vão fizestes *
Que nas suaves Citharas soassem *
Dos cantores de Mantua, e de Venusa, *
Em lisonjeiros sons, teos mentirosos *
Falsidicos louvores: não poderam *
Suas vozes sonoras libertar-te »

Da ignominia indelevel, do ferrete »
Eterno, a que severa te condemna, »
Por tuas proscripções impias e obscenas, »
A Razão, cujas vozes reforçadas »
De geração em geração transmitem »
Teo nome com horror, ao mundo inteiro: »
Em vão a dignidade veneranda
De Tribuno e de Consul ostentavas,
Fingindo respeitar o que outro tempo »
Do orbe inteiro respeitado fôra: »
Em vão com reflectida, e simulada »
Moderação, prudente os pareceres »
Escutavas de Agrippa e de Mecenas, »
Para saber se o sceptro deporias,
Ou se da Patria o bem inda exigia »
Que em tuas debeis mãos o retivesses. »
Por entre o vêo, que astuto pertendias »
Lançar á usurpação que exercitavas »
Reverberava o plano ambicioso, »
Com que o grande edificio da Romana »
Antiga liberdade demolindo »
Meditavas cobrir de frias cinzas
Dos Brutos e Catões os quentes restos.
Inda quando os teos dias so manchasse
O crime de chamar de Roma ao throno

O feroz, refolhado, torpe filho
Da enganadora Livia, e ter formado
D'esta arte o anel primeiro da medonha
Detestavel cadea de Tyranos,
Que o mundo per mil modos flagelaram,
Em quanto despreziveis e odiosos
Do mesmo mundo aos olhos se faziam:
Este so crime te fizera digno
De seres transformado em feo Abutre.
Inda na mão a penna sustentavas
Com que havias no docil pergaminho
Escripto o fatal nome do cruento
Estupido Tiberio, quando a Deusa
Que de Jove nascera e de Minerva,
A Deusa, que dictou as Leis sublimes
De Licurgo immortal, e longo tempo
Do Capitolio ao Fado presidira,
As unhas te aguçou, e accesa em ira
Denegridas as fèz e recurvadas,
O iris te pintou nos feros olhos
Com amarella cor avermelhada:
A cerulea cabeça, e o collo apenas
De alva penuge te cubriu, e poz-te
Per baixo de pequenas brancas pennas
Uniforme coleira pouco airosa.

Falar quizestes, e os beiços alongados
Em negro adunco rostro se tornaram,
Que só na torta ponta um pouco alveja.
No peito te imprimiu escura mancha,
Que parece imitar no seu contornô
De um coração a forma, e que somente
Em sua cor retrata, escura e triste,
De teos concelhos o fatal negrume.
Negou-te em fim nas azas e no corpo
As porporções de um talhe airoso e nobre:
E rasgando-te a mascara de todo,
Manifestou teos baxos sentimentos,
Dotando-te de instincto sanguinario,
Que disfarçar não podes, e te obriga
A faminto buscar per toda parte
Cadaveres immundos, e corruptos
Que te aplaquem a fome insaciavel
De carnagem e sangue, que animára
Teo peito imbelle, em quanto vivo foste.
Mas já vejo no lucido orizonte,
Per entre as brancas nuvens, apontando
O amoroso clarão da rôxa Aurora:
Já oiço o doce armonioso Canto
Dos ledos passarinhos, que anunciam
A magestosa aparição de Phebo:

Já o Deos que visiveis faz as cores,
As trevas afugenta, dardejando
Do fulgurante rosto a luz, que infunde
Nos corações humanos alegria:
Suspende, ó Musa, o doloroso canto,
Que, nos lugubres tons da Eolia lyra,
Benigna me inspiraste: as aureas cordas
Da Citara divina aos tons alegres
Accomoda de novo: aos indignados
De trovejante voz duros accentos
Succedam amorosas meigas notas
De suave expressão: as lindas aves,
Cujas vozes escuto, estam pedindo
Cantos, onde os Prazeres, onde as Graças
Risonhas resplandeçam, e onde o premio
Das Virtudes se veja retratado
Com apraziveis cores, que despertem,
E arreiguem n'alma os puros sentimentos
Da compassiva, meiga humanidade,
E da amavel geral beneficencia.
Por um pouco esqueçamos os horrores
De cruezas, perfidias, e impiedades,
Com que monstros, não homens, deshonraram
E affligiram a triste humana raça.
Dos bons as acções nobres recordando

As tintas e os pinceis aparelhemos
Para quadros traçar, que ao homem fraco
Animem na carreira da virtude,
E que esperar lhe façam mais ditosos,
Mais prosperos, alegres, mansos dias.

NOTA.

Esta singular composição, cujo arido assumpto (ao menos encarado no systema da Natureza do celebre Linneo) parecia inteiramente fora do alcance da poesia, foi emprehendida pelo Autor na sua primeira mocidade. N'aquelle primeiro impulso, foi levada pouco mais ou menos á metade de sua extensão, relativamente ao ponto em que elle a deixou. A sua mudança de estado o determinou a pôr de parte todas as obras de Poesia profana, que havia emprehendido; e esta cahiu por tanto em perfeito esquecimento, com algumas outras. Passados alguns annos, tornou elle com tudo, a instancias minhas, a lançar de novo mão d'este trabalho, e o conduzio até a metamorphose de Octaviano em Perenóptero. Como este segundo impulso teve a sua origem na condescendencia, e não em voz do genio que primeiro lhe sugerira o desejo de dar uma descripção das Aves em verso, o seo resultado não foi tam feliz como o do pri-

meiro, e facilmente perdeu o Autor segunda vez a vontade de acabar a obra. D'aqui resultou que não cogitando mais de polir o que tinha feito, deixou elle este seo trabalho em um estado de imperfeição que o fazia pouco digno de sahir á luz pública. Com tudo, eram tantos os rasgos de genio, tantas as bellezas poeticas, e tantas as dificuldades vencidas, que eu julguei dever, senão acabar, ao menos corregir e aperfeiçoar, quanto em mim coubesse, este producto verdadeiramente original de um genio poetico, para honra do Autor, e da lingua Portugueza: e portanto, usando do direito que o mesmo Autor me dera sobre as suas obras, poucos dias antes de seo falecimento, passei a cortar todas as passagens que me pareceram menos proprias, ou mais arredadas da belleza de outras: introduzi alguns pensamentos novos; e dei a muitos dos antigos diversa fórma, e mais amplo desenvolvimento. Não podendo porém desconhecer a inferioridade de meos talentos, relativamente aos do Autor; e não sendo de justiça que as minhas imperfeições e defeitos lhe sejam em tempo algum atribuidos, assentei distinguir os meos versos dos seos notando com o asterisco (*) todos os que não somente são meos, mas exprimem pensamentos meos; e de marcar com o signal (») todos os que, sendo per mim compostos ou emendados, exprimem pensamentos que o Autor havia diversamente expressado. Introduzi a segunda in-

invocação que começa:

Sublime genio que na mente fertil
Do Sulmonense Vate, despertaste, &c.

para marcar precisamente o ponto em que me vi obrigado a tratar quasi de novo a materia, sem desaproveitar com tudo os pensamentos, e até alguns excelentes versos do meo amigo; e remati o Poema com um fecho que me permitisse enxerir no corpo do mesmo poema a descripção de todas as aves que foram omitidas, se per ventura este meo trabalho fosse bem recebido do Público, e eu tivesse occasião de imprimi-lo segunda vez.

Lembrado mesmo de que talvez algumas horas de descanço me permitissem intentar a descripção poetica das outras ordens, em que Linneo dividiu as aves, deixei entrever no fecho, com que terminei esta primeira noite, o desejo de assim o executar. Entretanto, nem a minha edade, nem o estado da minha saude me permitem que eu contraia com o Público um empenho que não tenho certeza, nem mesmo notavel probabilidade, de poder executar.

CARTA

DIRIGIDA A MEO AMIGO JOÃO DE DEUS PIRES FERREIRA,

Em que lhe descrevo a minha viagem por mar até Genova.

Meo Pires,

Despontava o dia em que a meos olhos, não sem saudade, havia por alguns mezes desaparacer Lisboa,

Que merece bem o nome
De Bysancio occidental;
Onde o saber pouco val,
Têm valor so prata e oiro,
Branco assucar, rijo coiro;
He melhor *ter*, que virtude:
Pelo menos assim pensa
Gente douta, e povo rude.

Dir-me-ha que de Londres, Amsterdam, Berlin, Vienna, se pode dizer que *sicut et nos manquejam de um olho*; não duvido, de Pariz por ora nada digo; espero as leis civis para ajuizar se fizeram n'ellas o que devem.

He então que a minha Musa,
De cantar mais anciosa,
Ferirá de novo as cordas
De sua lyra saudosa.

Entretanto vamos ao ponto, que he a descripção da minha viagem até Genova. Por onde começarei?

Cansada a mimosa Aurora,
Para o leito se acolhia,
Em quanto Apollo açoitava
Os messageiros do dia.

Em vão Pyrois retorcia
As orelhas fumegantes,
E com rinchos dissonantes
Ethonte o ar aturdia;

Porque Apollo enfurecido
Mais e mais os fustigava,
Vibrando a torta manopla
Com horroroso estampido:

Vinte vezes foi ouvida,
Qual o vento, sibilar,
E nas ancas revoltosas
De ginetes estalar,
Per tal modo

que amanhecêra em fim de todo. Confesso que he uma das manhãas longas que se tem visto raiar sobre o Orizonte: emfim amanheceu. Era de esperar que, depois de tanto trabalho de Apollo, a manhãa fosse clara e brilhante: não succedeu assim;

Porque densa escura névoa,
Per entre o freo, escumavam
Os cavallos furiosos,
Dos açoites que aturavam.

Se lhe não agrada esta theoria para explicar a origem das névoas, saiba que em Poesia ainda se não deu melhor; e se não he certa ao menos he assaz intelligivel para mostrar que a manhãa foi nebulosa. Irra! que manhãa! eu mesmo ja não sei como hei de chegar ao meio dia, a não ser de pulo. Saltemos pois:

Zunio nos ares
O meio dia,
Batel ligeiro
Já conduzia
O Palinuro
De aspecto duro,
Que promettera
Ser nosso Guia.
Corpo pequeno,
Rosto tostado,
Magro, escarnado,
De frôxas rugas
Entretecido;
De cãas ornado
O mal burnido
Cabello preto:
Eis o retrato
D'este bisneto
Do Gran'Neptuno,
Dizem que Juno
Já pertendera
Faze-lo esposo
De uma Sirea,
Que mal o viu,
De medo chea,

A cor perdeu,
E entre gemidos
Em fim morreu.
Jaz sepultada
No fundo do mar
Perto do estreito
De Gibraltar.

Mal garimpou sobre o Navio, deu tres passeios, mediu o Ceo com os olhos, e de commum acordo,

As velas se desfraldaram;
Dinamarqueza bandeira
Pelos ares ondeava,
Com aparencia guerreira:
Mas, ó caso nunca visto!
O'maravilha estupenda!

Não se assuste: he pouco mais de nada: o Hiate do Piloto da Barra tinha protestado naquelle dia desarvorar, e sem ondas, nem vento que tanto pudesse, desarvorou com effeito; e foi-se embora, deixando o bom Piloto

Que passeia, a hum lado e outro
Volve os olhos pensativo;
E ora frôxo, ora mais vivo
Tudo quer tudo rejeita,
A buzina pede e embôca,
Gritos asperos soltando,
A's inhospitas molestias
Piedade suplicando.

Quiz consola-lo; mas debalde lhe dizia que elle ia ver as columnas de Hercules, a victoriosa rocha donde, balas ardentes, disparadas a tempo, lançaram per terra projectos concebidos sobre numerosas esquadras, e desatinaram Generaes esperançosos: debalde lhe descrevia a alongada costa de Hespanha, o nunca assaz temido Golfo de Lyão, o prazer que teria de avistar-se face a face com a Serenissima Republica de Genova, que sem duvida lhe forneceria todos os soccorros, que elle tivesse meios para pagar:

Tudo em vão lhe pintaria;
Pois n'aquelle duro instante,
Terno Esposo, Pae amante,
Da Consorte só ouvia

Os gemidos, e a saudade
Dos filhinhos que deixava,
E tam mimosos creava.

D'isto conclue Vm. muito bem, que o dito Piloto era casado, e tinha filhos. Apezar do que, seria obrigado a navegar até Genova, se não fosse

Barco atrevido
Que ouve o clamor,
E condoido
Gira ao redor,
Offerecendo
No alagadiço
Salgado bojo
Doce hospedage.
Então descendo,
« Aqui me alojo »
Disse e entoando
« Boa viagem »,
Clamaram todos,
Dinamarquezes
E Genovezes,
« Boa viagem. »
Per largo tempo

Os tons diversos
No ar dispersos
Se revezaram,
E retumbaram,
Amedrontando
De vagos peixes
Immenso bando.

Vendo-me so, e sem haver quem fizesse retinir aos meos ouvidos

Da Lusitana lingua o tom canoro,

Resolvi-me restituir aos amigos, pelo modo possivel, o tempo que lhes roubava da minha companhia, de que tantas vezes pareciam fazer caso. Vieram-me entam á lembrança os nomes de Bachaumont, e Chapelle:

Dois famosos bebedores
Que, intentando tornar fixas
Do rosto as vermelhas cores,
Da *Champanha* bellicosa,
Do *Bordeos*, e da viçosa
Sãa *Borgonha* visitaram
As adegas afamadas,

Ah! quantas vezes,
Sem se assustarem
De mil revezes
Que a historia aponta,
Guerra emprehenderam
Contra esquadrões,
Em ala postos,
De garrafões,
A que arrancaram
Rolhas teimosas,
E despejáram
Nas sequiosas
Goelas vorazes,
Sem, um momento,
Ouvido a pazes
Quererem dar.
Depois, tocando
Na docil lyra,
E descantando
Suas victorias,
Nos descreveram
Quanto beberam
A viajar,
O Tejo e Nilo
Talvez bebessem,

Se em vinho os rios
Se convertessem:
Pois ha quem diga
Que transportados
Em alegria,
E coroados
De verdes parras,
A Baccho um dia
Quasi estiveram
Para votar
Que o mesmo mar
Enxugariam,
Se as suas aguas
Baccho pudesse
Vinho tornar.

Isto me resolveu a imita-los não em beber, mas em referir a minha viagem. Bom será com tudo dizer, para não denigrir a reputação d'estes Senhores, mais do que merecem, que elles não eram bebados, mas amadores de bom vinho. Se não entende bem a differença que há entre estas duas coisas, consulte a sociedade dos bebedores, que diffundida por todo o Portugal, tem o Gran'Mestre em Coimbra.

Em espirito de vinho
Conserva os estatutos,
Que o licor, ó coisa rara!
Respeita e mantem enxutos.

Ensopando a branca penna
No Carcavelos brilhante,
E no Porto fumegante
O Gran' Mestre os escreveu.

Montesquieu e Plutarcho
Longos annos revolveo,
Antes qu'esta obra findasse,
A maior que o mundo deu!

Das Bacchantes toda a historia
Em tres regras decifrando,
Em outras tres, mil diversas
Novas coisas desenhando.

Encerra em pequeno espaço
Quanto, na paz e na guerra,
O Magistrado, e o Soldado
Necessita sobre a terra.

Muito tinha a dizer sobre esta obra admiravel, senão fosse a vozeria da equipage, que

ne obriga a largar mão da penna para aten-
der a um individuo, que nos põe a todos de
mao humor, e a mim em susto.

Um Tritam todo coberto
De marisco e verde limo,
Traz somente descuberto
O nariz agudo, e frio.

Pelas ventas vem soprando
Vento *Leste* enregelado,
E dobra, de instante a instante,
Seo furor endiabrado.

Treme o mar encapellado,
O baixel torcido geme,
Mal segura o indocil leme
O mancebo debruçado

Que hade ser de mim, meo Pires? em que lingua hei de falar a este Tritam para abrandar a sua colera? Portuguez, Italiano, Latim, Inglez, be de que eu sei alguma coisa: mas quem pode adivinhar a lingua dos Tritões? Experimentemos; vou falar-lhe em todas ellas: talvez que entenda alguma:

Basta ja, Senhor Tritão.
(Não entende.)
Per pictá, Tritone amato,
(Menos.)
Triton, I can no more,
(Tempo perdido.)
Prudence, Seigneur Triton,
(Peior.)
O' Triton, esto pacato
Corde, animo, naso et ore.

Com effeito a esta ultima lingua fez um leve aceno; e he indubitavel, que até os Tritões veneram a antiguidade; mas ou seja perrice, ou tenção anticipada, cada vez se accende mais em ira:

Eis que as bochexas engrossa;
Ai de mim, onde esconder-me!
Parece querer no abismo,
De um só sopro, soverter-me.

Boa vontade tinha de lhe pintar aqui uma tempestade; não faltará occasião: entretanto imagine serras, montanhas, ondas, mares, Ceos, abismos, Boreas, Austro, Leste, Oeste,

e toda a caterva dos ventos; ajunte-lhe quatro adjectivos, e tres verbos para os unir, e terá uma tempestade completa. O peior he que não se aplaca a que me persegue: vou de novo suplicar o Tritão na lingua que parece entender... Bravo! começa a adoçar-se; aplacou-se de todo; vai-se embora;

Depois de roncar seis vezes
Com medonho horrendo ronco,
E de sorver outras tantas,
Por ser um Tritão mui porco,
O limoso verde monco;
Escorregando,
Contradansando
Ligeiramente,
No fundo mar
Em lisa gruta
Foi se abrigar.

Bravo! bravissimo!

Baxa do Olympo
Terna alegria,
Meigo sorriso:
De companhia

A's lindas Graças
De braços dados
Picantes ditos
Venham ligados.

Entre tanto começa a apparecer o Estreito: delicioso espectaculo! encantadores momentos! o vento tempestuoso tornou-se em um zephiro agitado: o mar embravecido apenas se move assaz para impelir o navio. Quanto he bello contemplar o Autor da natureza, (se este nome adoravel pode repetir-se entre as frivolas pinturas da minha penna) dando leis ao Oceano para estreitar-se de repente, e correr ameaçando em vão as costas de Barbaria e Hespanha, ao longo das quaes lhe manda que se estenda lambendo-as, e deixando aos homens habitações, que cultivem e fecundem com facil trabalho:

Meo Senhor e meu Deus,
Como ao longe se estende sobre a terra
De vosso nome a gloria!
Disseste, e logo rebentou, no seio
Do informe nada, creadora força.
Onde estavas, ó homem!

Quando a luz entre as trevas resurgia,
E qual soberbo esposo,
No leito nupcial erguendo a frente
Banhada em mil prazeres,
Assim raiava, de esplendor cercado,
O sol, para emprender sua carreira?
Com gigantesco passo
Desde um polo a outro polo se abalança
Da terra que alumia
As geladas entranhas animando
Com celeste calor, prenhe de vida.
Em que mata embrenhado
Orgulhoso gemias, quando tudo
Ao aceno cedia
Do Soberano Ser, que tudo impera?
De lucidas estrelas se adornava
O firmamento altivo,
De verdes plantas se vestia a terra,
E sobre os eixos seos se equilibravam
Os mundos que lançára,
Com mão omnipotente, sobre os ares.
Meo Senhor e meo Deus,
Ah! cante a minha voz, antes que eu morra,
Um hymno de louvor ao vosso nome,
Ao vosso nome santo!

Não cuide porém, querido Amigo, que ficamos no Estreito, e que o Navio, n'elle grudado, finda de repente a sua derrota: vou já dar ordens para caminhar avante.

Hola Piloto!
Já, já soltar
As velas todas;
No mesmo instante
De Gibraltar
A dura rocha
Quero avistar.

Obediente Piloto! eis Gibraltar, sitio de marcial fortaleza, e de poetico furor:

Salve suberbo rochedo,
Tropheo do valor Britano,
Onde as forças se quebraram
De todo o poder Hispano.
Elliot, eu te saudo;
O teo nome não esquece,
Não cuides que o homem desce
Todo inteiro á sepultura.

Defronte assoma sobranceiro ao Mar o celebre castello de Ceuta, que me faz correr

pelas veas enthusiasmo patriotico; lembra-me João primeiro, e a sua familia heroica.

Aqui, ó Musa! prepara
Novas cordas, novo canto;
Escutai cheos de espanto,
Mortaes, meos sublimes versos.

Estava quasi emprehendendo uma Ode; mas quando me lembra que estas emprezas militares dos Lusitanos tinham por origem, ou pretexto, persuadir os Mouros, com a espada na mão, para abraçar uma Religião adoravel que ensinava a morrer pelos Moiros para os converter, não a mata-los; esfria-se-me todo o enthusiasmo. Passemos pois adiante, se o consentir

Calma ociosa
Que, esperguiçando-se,
Vai estirando-se
Per entre as velas.

Triste figura tem o tal sugeito do sexo feminino chamado calma!

Quasi sempre bocejando,
Se abre um olho, fecha o outro,
Pela boca respirando
Pestilente ingrato alento.

Tem por noivo o inerte somno,
Que a dormitar a acompanha,
Com tregeitos se arreganha,
Quando fino quer falar-lhe.

Vive roncando,
De noite e dia,
Adormentando
Tudo á porfia.

Dos pés lhe sobem,
Quaes trepadeiras,
Mil dormideiras
Em torno ao corpo.

Sorve em uma hora,
Com grande asseio,
Quintal e meio
De opio Indiano.

Frôxo se estende
A dormitar,
Vinte e tres horas,
Sem acordar.

Que esposo tam commodo! Quantas mulheres da nossa terra desejariam um marido que dormisse vinte e tres horas per dia; Deus me livre d'ellas; temo-as mais que peste, fome, e guerra:

Qual soldado em dura guerra,
De feridas retalhado,
Como morto abandonado
Sobre o chão de imiga terra.

Se depois no pobre albergue,
Chega em paz a agazalhar-se,
Sente o sangue congelar-se,
Ouvindo o som dos tambores:

Assim eu que em mil batalhas
De amor cego fui ferido;
Ai de mim! e das feridas
Vivo mal convalecido.

Tremo e perco a cor do rosto,
Ao lembrar-me do inimigo,
Que me fez per tantas vezes
Desprezar mortal perigo.

Disse pouco, inda a belleza
Mais feroz he do que Marte,
Apezar do ferro e fogo
Que o seguem per toda parte.

Se o Soldado graça implora,
E se rende prisioneiro,
Marte abranda o ardor primeiro,
Perde a raiva que o devora.

Não assim n'esse combate
Que o homem chamou Amor,
Seduzido da doçura
De um veneno enganador.

Se curva os frôxos joelhos
O cativo miseravel,
Cada vez mais se lhe torna
Seo destino insuportavel.

So se alegra a vencedora,
Rasgando a torpe ferida,
N'ella mais, e mais cravando
Da flecha a ponta embebida;

E triunfa quando em gritos,
Vê fugir espavorida
A melindrosa innocencia
Que val mais que a mesma vida.

Mas ai de mim! quem me acode? Ah! que aparece de novo o diabolico Tritão; maldito! em tam pouco tempo vir desde o cabo de S. Vicente até ao golfo de Malaga; e para maior desventura não vem só, com elle vem um exercito de Tritões!

Uns a cavallo,
Outros nadando,
Vem manejando
Armas que callo:

E callo com razão por serem de um uso raro, e dificil, e algum tanto sordidas. Não me obrigue a dizer-lhe que são odres,

Onde cerrados,
Os ventos rugem,
E tudo estrugem
Assim liados;

Que será abrindo-se, e concedendo-se sahida franca? Ah! que se abriram tres de repente; para que logar hei-de fugir? vejo o Navio, os Ceos, e as ondas;

Já de assustado
Todo estremeco,
E desfaleço
Quasi sem tino.
Tritão mofino,
Vai-te em ma hora;
Ah! não te encare
A meiga Aurora
Com brando rosto,
Quando mimosa
Occupa o posto
Do loiro Phebo.
Fervente cebo
Te abraze a gruta

Onde recolhes
A mal enxuta
Face musgosa.
Nunca te encontre
Doris formosa,
E perra um dia
De furor cega,
Na costa fria
Da Noroega,
Sem te escutar,
Te mande altiva
Que vas morar,
Onde não vejas
Nadante Nympha,
Que as tuas lagrimas
Possa enxugar.

Já nenhum odre vejo por abrir; ai de mim! pobre de mim! coitado de mim! Eu bem queria ir por algum outro mar que não fosse este mar Mediterraneo, infestado per tantos naufragios; pelo qual ha mais de mil annos, nenhum homem de juizo devia navegar; pois não ha n'elle um só porto a que os habitantes da Europa não possam ir per terra, se exce-

ptuarmos algumas Ilhas, que podiam muito bem ficar desertas. Triste mania he esta de andar pelo mar!

Dos ventos toda a força unida bate
Na solitaria vela que guarnece
O misero baixel; duro combate,
Em tanto, o mar bramando lhe offerece.

De instante a instante, as ondas agitadas,
Umas sobre outras, com furor rebentam,
E quaes medonhas bombas, remeçadas
Por inimiga mão, tudo amedrentam,
Assim quebrando no Navio estalam,
E os Nautas todos com temor se calam.

Chama-se isto o principio de uma tempestade: se tiver outra para contar-lhe, receberá o meio; e na terceira o fim: inveje quem quizer o destino dos que vingam o Cabo da Boa-Esperança, para ir trocar patacas por pagodes, e amontoar fortuna e bens; eu por mim de boa vontade lhes deixo toda

A preciosa canella
Da mal segura Colombo;

De Bengala a rica, e bella
Musselina tam gabada.
He melhor viver sem nada,
Que abrir-se perfido rombo
Na vistosa caravella
Que surca as ondas ousada,
E que do mar a braveza,
Faz com furia deshumana
Ir dar com dono e riqueza
La no Reino de Pantana.

Esta desgraça he o que eu tremo que nos aconteça com a tempestade horrivel que sobrevem no golfo de Valença. He tanto mais lastimosa, quanto forma um durissimo contraste com a idea que eu faço do clima doce e ameno d'esta região, do caracter e ventura de seos habitadores, e dos ferteis campos que elles cultivam. Apezar d'isto,

Quaes montanhas escarpadas
Erguem-se os mares raivosos,
Sopram ventos ás rajadas,
Sempre e sempre mais irosos.

Sobre as nuvens quasi sobe
O navio mal seguro ;
Desce logo de repente
Té do abismo ao centro escuro :

Balanceá a um lado e outro,
Per mil partes estalando ;
Rouca a voz, ja mal se entende
O Piloto commandando.

Suor frio banha o rosto
Não sómente ao passageiro ;
Corre até pelo semblante
Do robusto marinheiro.

Cambalea o corpo todo,
Falta o pé escorregando;
Já parece que nas vêas
Vai-se o sangue congelando.

Agora he muito serio ; a tormenta ameaça sossobrar-nos , e já se trata de fazer actos de contrição. Direi eu hoje um adeus eterno aos meos amigos? Será de veras

Que, sem piedade,
Intente a morte
Tragar-me agora ?

Nenhuma edade
Contra ella he forte;
Fere e devora,
Em um momento,
O macilento
Velho teimoso,
E o corpulento
Mancebo airoso
Que em verdes annos
Se confiava,
E so de enganos
Se apascentava.

Paciencia! morrerei, e ficarei sumido no abismo, sem haver mão que possa ir lavrar um epitaphio sobre a minha sepultura. Mas debalde eu vejo o susto pintado sobre o rosto de um antigo Piloto d'estes mares; debalde as trevas da noite acrescentam um horror de morte ao espectaculo temeroso que os ventos e as ondas apresentam; debalde tudo me faz estremecer; ainda a esperança me não fugio de todo, ainda me está dizendo,

Muito em segredo:
« Não tenha medo. »

Inda verei
Os meos amigos,
Estes perigos
Lhes contarei,
E a catadura
Horrenda, e dura
Da morte fera
Lhes pintarei.

Se eu ao menos soubesse nadar, per ventura me furtaria á morte que me está imminente. Como he louco e barbaro o systema de educação que os Europeos tem adoptado! Tomaram dos Gregos e dos Romanos o que estes tinham de peior; aprenderam a fazer-se pedantes, e esqueceram-se de fazer-se homens. A adolescencia, edade preciosa, gasta-se em grangear vicios, e decorar coisas muitas vezes inuteis. Depois de muita fadiga, um rapaz Europeo finda a sua educação nos Collegios e nas Universidades, quando tem adquerido um corpo effeminado, ou doente, e um espirito vaidoso, frivolo, recheado mais de nomes que de coisas, e tam extraviado do caminho das sciencias, que ordi-

nariamente nunca mais atina com elle. Como estou serio! como estám sisudas todas as minhas ideas! e que excellente coisa seria o estar para morrer, se se quizesse compôr um bom tratado de politica ou de moral! Até já não sei fallar em verso, e se a tempestade não amaina, ficarei fazendo eternamente prosa. Que me diz ao tempo, meo Amigo? Já estalou, e fez-se pedaços a verga do mastro grande.

Ah! se Homero navegasse,
E de Ulysses a jornada,
Pelos mares contrastada,
Curioso acompanhasse;
Se o navio ameaçasse
Nos rochedos sossobrar,
E toda a pobre equipagem
Entre as ondas sepultar:
Pode ser que não contasse
Do astuto Grego a viagem,
Ou que ao menos, ao canta-la,
Muitas vezes gaguejasse.
As Musas pintam a Morte,
Mas tremem só de avista-la;

E la no Pindo,
Castello forte
Tem levantado,
Onde subindo
Nada receam
Do vento irado.

Já se ouve menos motim, e dizem que o vento quer serenar; boa noticia que aparece com o romper do dia. Serenou com effeito, e nunca mais a proposito se aplicaram aquelles magestosos versos de Camões:

« Depois da procellosa tempestade,
« Nocturna sombra e sibilante vento,
« Traz a manhãa serena claridade,
« Esperança de porto e salvamento. »

Que prazer! que alegria brilha em todos os rostos! não conhece o prazer aquelle que nunca esteve a pique de naufragar, ou que per algum outro modo não viu a morte acenar-lhe de perto. Como tudo variou em um momento!

Viva aquelle que acrescenta
Novos riscos de morrer,
Porque tambem multiplica
Novas causas de prazer.
Já não quero maldizer
O mortal aventureiro
Que sobre as ondas primeiro
Arriscou tudo perder.

Para que he maldize-lo, pois lhe devo estes instantes de alegria? Quero antes largar a penna, e ir considerar os ultimos enfadamentos do mar, quando começa a desagastar-se. Ainda faz bulha; mas a sua ira já não mette medo: parece mais bazofia do que ira, e faz-me lembrar uma bella passagem de Virgilio;

Qual a languida setta,
Da mão velha e cansada
De Priamo em furor arremessada,
Nem levemente enceta
As armas do inimigo embravecido;
Antes, mal fere o ar, cai já sem força:
Tal inda o mar se esforça,
Elança algum bramido;

Mas sem vigor, e lento
As ondas ergue e abate
Em o mesmo momento,
E no Navio bate,
Já quasi sem alento.

Desafio agora todos os Tritões, todos os ventos do Mundo; não os temo, porque depois de escapar d'esta tormenta, não ha modo de conseguir que eu pereça naufragando.

Invulneravel
Sobre elemento
Tam implacavel,
Que privilegio?
Não concedido
Nem ao Collegio
Dos Eleitores
Que em Ratisbona
Imperadores
Vam corôar.

Se D. Quixote pilhasse este privilegio, vê-lo-hia-mos talvez arremessar sobre as ondas o seo Rocinante, e com a lança em reste ir

atacar tubarões e baleas, e pôr em convulsão todo o Reino de Amphitrite. Em Hespanha nasceu a imaginação feliz que desenhou este homem extraordinario, e com elle a engraçada familia dos Pansas.

Não conheço quem legasse
Tal porção de Attico sal,
E aos vindoiros preparasse
Um prazer que tanto val.

Se, no afinamento alegre em que estou, podesse haver á mão o Cervantes, e lê-lo;

Soltas risadas,
Com todo o peito
A's gargalhadas
Eu largaria,
E a gente toda
Convidaria
A pôr-se em roda
Para escutar.
So de o pensar,
Já estou rindo
Sem descansar.
Mas onde estamos?

Qual he a costa
Que navegamos ?
Espere um pouco ;
Vou perguntar :

Estamos defronte da Catalunha ,

Provincia indomita,
Triste presagio,
Que algum adagio
Promette á Hespanha !

Declaro , para que este quarteto seja entendido, que *adagio* aqui significa o contrario de *allegro* ; e se assim mesmo me não entenderem ,

Bem pouco importa.
Fico saltando ,
Sempre brincando
Co'as loiras filhas
Do claro Apollo
Que desde o berço
No meigo collo
Já me afagavam ,
E me ensinavam
Altos segredos

Com que, algum dia,
Troncos, rochedos
Abalaria.
Como risonhas
Me vêm buscar!
Deixam o Pindo
Por me afagar.
Eis Terpsicore!
Um belisção
Pertendo dar-lhe
Na linda mão.
Foi muito forte;
Ficou queixosa,
E de mimosa
Se fez mais bella.
Euterpe a lyra
Tras sobraçada,
Pede que seja
Por mim tocada:
Ah! vai-te Euterpe,
Não posso agora:
Sem alto estilo
E voz sonora,
O Grande Pindaro
Quem imitasse,

Melhor seria
Que se lançasse.
No fundo mar;
Onde um concerto
Co'os surdos peixes
Fosse entoar.
Vem cá Thalia:
De fina graça
Vem salpicar
Os lindos versos
Que vou cantar.
Mas caprichoso,
Já não te quero:
Rosto severo
Pareces ter:
Queres discursos
Longos fazer?
De fel amargo
Meo peito encher?
Foge depressa,
Desaparece,
Engana a quem
Mal te conhece.
E tu Calliope
Impertinente,

Mandas que intente
Uma Epopêa?
Galante idéa!
Que me faria
Perder de todo
Minha alegria.
Como he possivel,
O'Melpomene,
Que o mar serene,
E o vento abrande,
E nem assim
Teo rosto acene
Algum prazer!
Sempre a verter
Pranto de dor,
E de furor
Scenas traçando,
Punhaes e mortes,
Vives sonhando.
Hoje á porfia
Todas danadas,
Para enfadar-me,
Vindes ligadas.
Deixai-me embora,
E do Parnaso

No monte escasso
Ide habitar.
Sois nove doidas,
O'nove Irmãas!
Envergonhai-vos:
Já tendes cãas.

Foram-se embora, deixaram-me todas, e muito a proposito; porque entramos no golfo de Lyão que banha as costas de França; e em materias de França, *chiton*. Estas Musas são falladoras, e se ficassem, podiam inspirar-me alguns versos *Catonicos*: o que seria coisa mui arriscada. He melhor pacificamente

Entrar em Genova,
Onde engolfado,
Vivo no Estado
Das *Senhorias*.

Daqui vagaram
Per toda a Europa,
E vento em popa
Tudo innundaram.

De Hispanos *Doms*
Giram cercadas,
Que lhes preparam
Ricas pousadas.

Palacios, casas,
Hospicios tem,
Onde endoidecem
Gentes de bem.

Té no Mondego,
Na vãa Cidade,
Possuem grossa
Famosa herdade.

Feliz o dia
Em que a nobreza
Do *tu* Romano
Hade, outra vez,
Da *Senhoria*,
Do *Dom* Hispano,
A vãa grandeza
Ver a seos pés.

Quem achar que reprehender n'estes ul-

timos versos não tem razão, porque eu fallo n'este ponto, não como politico, mas como Orador e Poeta, que se zanga muitas vezes de sacrificar energicos pensamentos á prolixa etiqueta dos tratamentos. Em todo o caso, ainda quando por encurtar a lingua e obsequiar os oradores, se tirassem os *Doms* ás meninas de Lisboa; as *Senhorias* aos Cavalheiros de provincia, e aos Juizes de fora; as *Excellencias* ás Morgadas do Minho e Tralosmontes, e ás mulheres dos Negociantes do Porto; não vejo que d'isto se seguisse grande mal nem que as Leis do Reino fossem por isso menos bem observadas. Agora he bem justo que eu leia o que tenho escrito. Li e confesso que não sei como he possivel achar uma cabeça assaz disparatada para combinar, entre coisas serias, tantas coisas frivolas. Descubro porém uma idêa que he de molde para a nossa terra, e que pode sugerir a alguns dos sabios que n'ella habitam um *in folio* similhante a outros que compoem a nossa literatura. Falo do meo Dialogo com o Tritão, que lembra tam naturalmente uma obra que tivesse por titulo: *De Antiquitate á Tritonibus venerata*,

obra immortal só pelo titulo, e que aperfeiçoaria o edificio de nossa immensa, e quasi sempre inutil Literatura Lusitana. Se algum Padre *Caetano* lhe ajuntar a genealogia dos Tritões, ficará uma obra completa, e digna ao depois de ser comentada per todos os que fazem prologos em linguage de *sciscentos*, ou mesmo de *quinhentos*, e nunca na que convem para o nosso seculo. Estava quasi traçando alguns capitulos para esta obra; mas começo a cansar, e he melhor guarda-los para outra carta na qual sei, meo querido Amigo, que hade ler, sempre com gosto particular, o protesto ardente e sincero com que sou

O SEO CALDAS.

FIM.

INDICE.

POESIAS PROFANAS.

CANTATA.

Pigmalião. *Pag.* 3.

ODE.

Ao homem selvagem. 12.

ODE SOBRE O AMOR, considerado como principio e esteio da ordem social. 20.

ODES ANACREONTICAS. 25.

CARTA aos meos amigos, consultando-os sobre o emprego mais proprio de meos talentos. 32.

ELEGIA á Amisade, dirigida ao Doutor Francisco José de Almeida, n'ella designado pelo nome de Fileno. 36.

SONETOS.

Soneto I.° 41.

Soneto II.° 42.

Soneto III.° 43.

Soneto IV.° feito de improviso, junto á sepultura de D. Ignez de Castro. 44.

Soneto V.° 45.
Soneto VI.° 46.
Soneto VII.° Aos annos de uma menina. 47.
AS AVES, Noite Philosophica. 48.
CARTA dirigida a meo amigo João de Deus Pires Ferreira, em que lhe descrevo a minha viagem per mar até Genova. 98.

Relação dos Senhores Subscritores, a qual se crescer será continuada nos volumes seguintes.

Snr.ª

Adriano Coelho Pinto de Magalhaens.
Alvaro de Magalhaens Pereira de Sampaio.
Antonio d'Almeida Novaes.
Antonio d'Almeida.
Antonio d'Abranches Lobo de Figueiredo.
Antonio Augusto de Sampaio — 5 ex.
Antonio Augusto de Mello Castro e Abreu.
Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos.
Antonio da Cunha Coelho — 1 ex. completo.
— 4 ex. das P. prof. — 2 ex. das P. sacras.
Antonio da Cunha Pereira Bandeira de Neiva.
Antonio Francisco Pires.
Antonio Homem Monteiro Machado — 6. ex.
Antonio José Ribeiro.
Antonio José Pinto Carvalho e Silva.
Antonio José Leite Sampaio.
Antonio Joaquim d'Oliveira Cardoso.
Antonio Leite da Gama.

Snr.ª

Antonio Luiz Ribeiro da Silva.
Antonio Marinho Falcão de Castro.
Antonio Maria de Mello Carvalho e Brito.
Antonio Pereira Canavarro.
Antonio de Sousa e Vasconcellos.
A. V. Peixoto.
Antonio Xavier de Barros Corte Real.
Antonino José Rodrigues Vidal.
Augusto d' Abreu Castello Branco—2. ex.
Bento Antonio d'Oliveira Cardoso.
Domingos Gomes Vianna.
Francisco da Costa Fernandes.
Francisco Freire de Castro.
Francisco Jeronimo da Silva.—2 ex.
Francisco Alexandre Prestrello.
Exm.º Francisco Manoel Trigôso d'Aragão Morato.
Exm.º Francisco de Serpa Saraiva
Francisco de Assiz Moraes Cardoso.
Francisco José de Carvalho Gomes.
Francisco José de Sousa Basto.
Francisco José Vieira.
Fernando Affonso Giraldes.

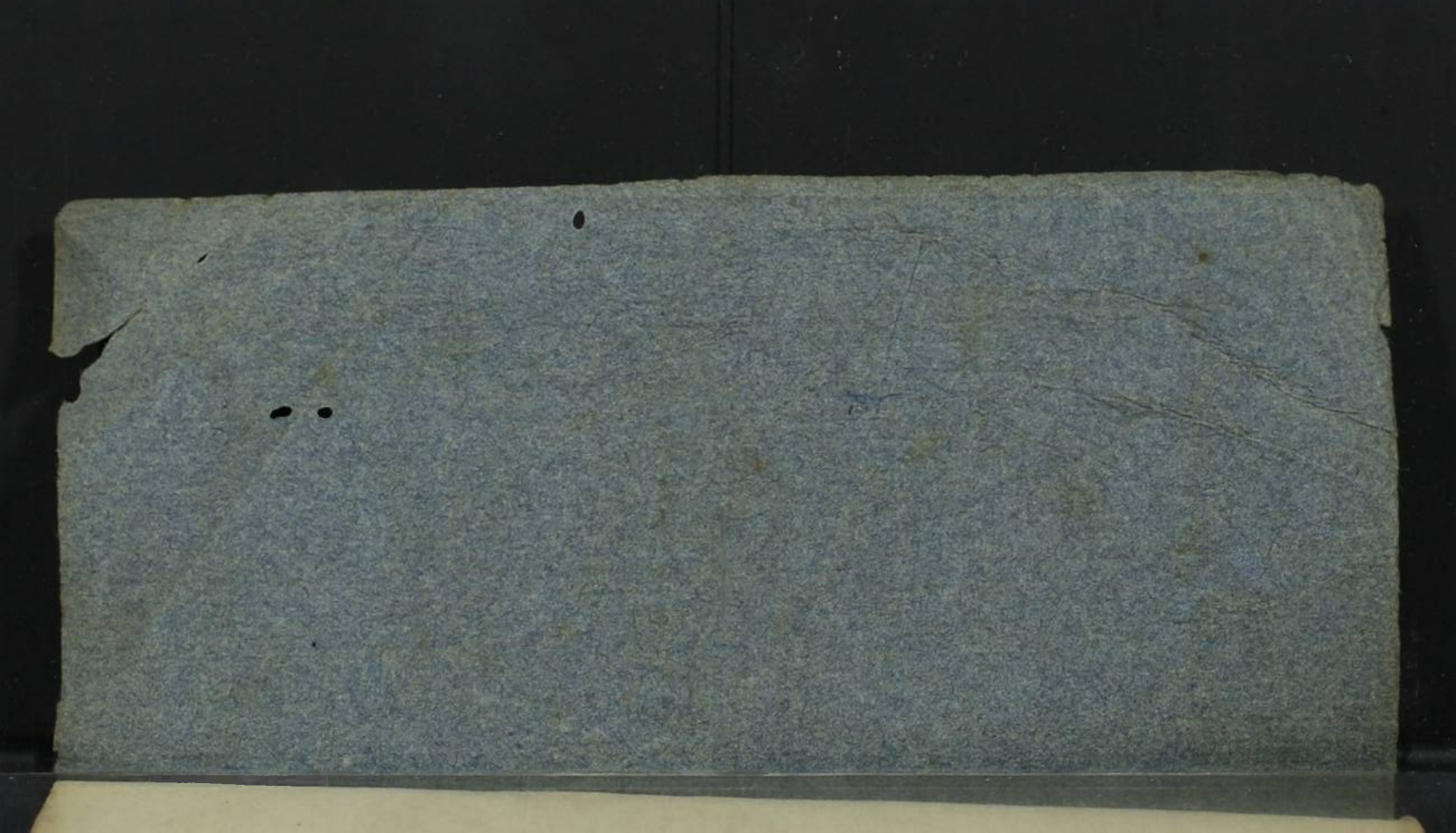
Snr.ª

Jeronimo Osorio.
José Pimentel Freire.
José Julio da Motta Barbosa.
José Maria Eugenio.
José Pereira da Cunha Leite.
José Caldeira Pinto Leitão.
José Antonio Dias Castro.
José Paes de Faria Pereira.
José Cardozo Ribeiro.
José Joaquim d'Almeida e Vasconcellos.
José Maria Coelho Soares de Moura.
José Maria da Fonseca Freire d'Aragão.
José Joaquim da Cunha Veiga.
José Augusto Salgado.
José Antonio Pinto Carvalho Silva.
João Vieira Pinto.
João Valentim.
João Bernardo Leal Pinto da Veiga.
João das Neves Gomes Elizeu.
João Carvalho Martens da Silva Ferrão.
João Baptista Teixeira de Sousa Camelo-4 ex.
João Leal d'Araujo.
Joaquim Pinto de Mendonça Arraes, 2 ex.

Snr.ª

Joaquim Mendes Leite.
Joaquim Antonio d'Araujo e Castro.
Joaquim Antonio Tenreiro—2. ex.
Luiz Antonio de Figueiredo.
Luiz Antonio Pereira de Silva.
Luiz Martins da Costa.
Luiz Venancio Carneiro de Vasconcellos.
Manoel Pereira do Cabaçal.
Manoel Victorino da Silva e Lemos.
Manoel de Mello Castro e Abreu.
Raimundo Corrêa Pinto de Sousa Tameirão.
Raimundo da Cruz e Silva—3 ex.
Rodrigo Xavier Pereira de Freitas e Beça.
Sebastião Pereira d'Almeida Borges.
Simão Xavier da Motta.
Thomaz Cabral d'Albergaria.
Victorino Nunes da Motta Barbosa.

390



Vende-se em Coimbra na loja d'Antonio Lourenço Coelho: no Porto na de Queiroz Basto, rua dos Caldeireiros N.° 8-10: em Lisboa na de Orcel, defronte dos Martyres N.° 20: e na de João Henriques; rua Augusta N.° 1.